

Gastão P. de Oliveira



CARTA
INTIMA A UM
PROTESTANTE



LIVRARIA BOA IMPRENSA

Rua da Assembleia; 35 — Rio de Janeiro — 1938

GASTÃO P. DE OLIVEIRA

*O' Mazinha, querida an
Afetosa e sincera recorda
da Chiquita.*

CARTA INTIMA
A
UM PROTESTANTE

27/11/938

*Dia da Invenção da
á Catarina Labor*



LIVRARIA BOM PREÇO

Rua da Assembléa, 35

Rio de Janeiro

1938

Palatinus

NOTA PRELIMINAR





GASTÃO P. DE OLIVEIRA
(Ex-Pastor da Igreja Episcopal)

NOTA PRELIMINAR

Antes de mais nada, queremos definir claramente ao leitor destas páginas o objetivo e o significado da presente publicação.

Não tivemos a pretensão de fazer apologia da Igreja, nem polemica religiosa, nem exposição sistemática de nossas convicções doutrinárias.

Nada disso.

Nem tivemos também a preocupação da forma literária ou das escolas filosóficas e teológicas.

Este livrinho tem a finalidade duma carta íntima comum, em que o remetente visa contar ao seu amigo destinatário a mudança de atitude religiosa que assumiu, juntando á notícia do fato objetivo os moveis subjetivos que o determinaram.

E' simplesmente uma carta íntima a um amigo, ou melhor, aos muitos amigos que temos no meio protestante.

Poderíamos ter escrito esta carta correntemente, numa única peça.

Só o não fizemos, porém, para facilitar o interesse da leitura.

Dividímo-la em capítulos diferentes, quanto aos assuntos, e até quanto ao modo de expressão. Em alguns capítulos usamos forma epistolar; dirigindo-nos ao "meu amigo e

irmão protestante". Noutros, porém, em forma de solilóquios e meditações, apresentamos de maneira mais espontânea e profundamente sincera o nosso estado de alma em alguns momentos de contacto com Nosso Senhor, enquanto se operava a atuação da Providência Divina, no processo misterioso e inexplicavel de nossa conversão ao Catolicismo.

Note-se que quasi todos os solilóquios não foram escritos com a intenção de serem publicados. São apenas alguns capítulos do nosso diário particular.

São confissões muito íntimas, algumas das quais por sinal só desejaríamos que fossem lidas por outrem depois que deixássemos a vida terrena.

Mas compreendemos, por fim, que o nosso desejo não era a Vontade de Deus, por isso as pusemos agora á luz da publicidade.

Não queremos por êsses escritos ser julgados por quem quer que seja, ou antes, não nos importa ser julgados pelos homens.

O único Juizo que merece nossa preocupação é o Juizo de Deus.

Se publicamos essas humilimas paginas é com a intenção de despertar talvez alguma alma de qualquer dos nossos irmãos separados, ao menos para que seja movido a examinar a Santa Igreja Catolica.

Que a examinem serenamente, não através dos erros da ignorancia popular ou da malicia dos homens, mas no que a Santa Igreja é realmente, pela Sabedoria Divina de sua santa doutrina, pelo poder santificador que lhe é exclusivo, cujo fruto são os santos de todas as épocas, até dos nossos dias,

lastro e penhor inconfundível da ceiva de Cristo que a vitaliza.

Recomendamos, com insistencia, aos amigos e irmãos protestantes, esta attitude de imparcialidade e serenidade no modo de olharem a Igreja Catolica Romana, porque desde que assumimos tal attitude começamos a enxergar na Igreja, que pecaminosamente odiavamos, belezas espirituais incomparáveis, até ao ponto de nos convenceremos da Verdade sobre a Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A Verdade está no fato de que a Igreja Catolica não é o que os protestantes julgam que ela seja, porém justamente aquilo que os protestantes illustres e sinceros desejariam que fosse o Protestantismo..

Quando me refiro á Igreja Catolica, não penseis que ignoro todos os males humanos que a molestam em toda a parte do mundo, principalmente em nossa estremecida Patria. Aqui a Igreja sofreu e tem sofrido mil e uma adversidades de ordem interna e externa, de inimigos visiveis e invisiveis, de fatores geograficos, etnologicos, historicos, politicos e sociais.

Os males existentes na Igreja, porém, devem ser conhecidos através de suas verdadeiras causas.

As deficiencias da Igreja Catolica Brasileira, e são muitas, teem suas causas absolutamente alheias á essencia mesma da Igreja, da Santa Igreja Catolica Apostolica Romana, da Igreja de Deus.

Além disso esses males são suscetiveis de se remediarrem, e muitos deles, aliás, tendem a ser sanados no futuro pelo progresso da cultura e da situação económica, política

e social do Brasil. São imperfeições humanas, o que se nota na Igreja Catolica, nunca porêm defeitos essenciaes.

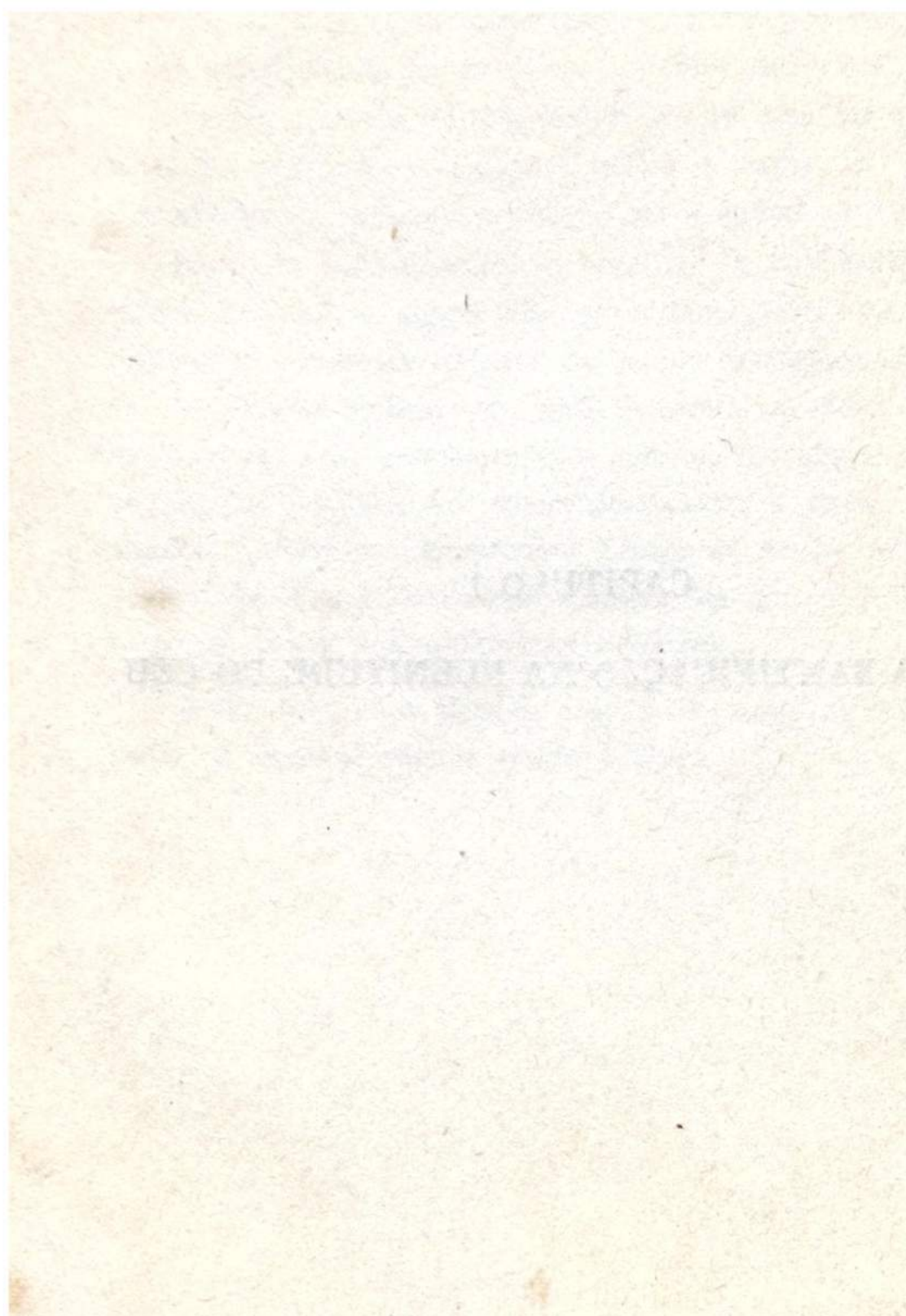
Na sua essencia, na sua realidade espiritual, na sua doutrina, no seu todo, a Igreja Catolica é admiravel, veneravel, verdadeira, sublime, porque é ela a Igreja de Cristo.

Não terá falhado enfim o objetivo da publicação desta "Carta Intima", se algum leitor protestante, após essa leitura, cair em si, e resolver começar um estudo desapassionado e sério da Igreja Catolica, quer pela literatura religiosa, mesma nacional que seja, ultimamente enriquecida por alguns illustres pensadores catolicos, dos quais destacamos o padre Leonel Franca, Jackson de Figueiredo e Tristão de Ataíde, quer pela pratica da leitura devocional catolica, de que o Protestantismo no Brasil é absolutamente indigente.

Sendo êste, para alguêm, o fruto de nosso modesto trabalho, já daremos muitas graças a Deus.

CAPITULO I

MINHA SANTIFICAÇÃO NA PLENITUDE DO CÉU



MINHA SANTIFICAÇÃO NA PLENITUDE DO CÉU

Meu irmão protestante:

Esta carta é realmente de um irmão e amigo sincero. É a epístola de despedida que vos dirijo na hora em que nos separamos.

Volto para a Igreja Católica onde nasci, onde recebi o Santo Batismo, e onde palmilhei os primeiros passos pela senda de minha fé, e de onde me tirastes, quando apenas me achava na adolescência dos catorze anos.

Tirastes-me de lá com a melhor das intenções, com a mesma boa intenção com que resolvi de lá sair.

Passaram-se dezesseis anos. E hoje reconheço a verdade da Igreja Católica e o engano do Protestantismo.

Não venho, por meio desta, iniciar polemica convosco. Não tenho intuitos de controversia. Quero apenas que não venhais a incorrer no pecado de me julgar temerariamente, supondo-se por acaso movido por intuitos e interesses outros que não seja a posse da verdade.

Não visio, tão pouco, salvar propriamente a minha reputação. No momento em que vos escrevo, o meu estado de alma permite-me desprezar por completo todos os interesses sociais e mundanos, todos os interesses materiais e terrenos. Crede-me ao menos nisso: em que me sinto profundamente movido por um chamado da vontade de Deus. Quero ser

dócil a este chamado, e para conseguir tal intento resolvi desprezar tudo, todos os prazeres do mundo e todas as convenções e interesses sociais, todos os apelos do homem natural.

Só ha uma cousa que enxergo além de minha propria alma: é a vossa alma, é a alma de todos os que me conhecem no protestantismo, e que poderiam afastar-se mais de Deus e da Verdade por um falso juizo que formulassem a respeito de meu passo resolutivo e aparentemente tão improvisado.

Meu irmão, não pequeis votando ao desprezo ou ao ódio este vosso humilde irmão, que está agindo com a maxima convicção de obedecer a vontade de Deus. Ainda mesmo que não possais crer seja esta a vontade de Deus, contudo podeis crer, sem duvida, que para mim, no recesso mais intimo de meu coração, eu tenho como certo o chamado de Deus para que eu regresse á Igreja Catolica, á Igreja Una e Santa, que Nosso Senhor edificou, tendo São Pedro e os demais apostolos como pedra fundamental.

Vou expor-vos, com o maximo de clareza, singeleza e simplicidade, como operou o Espirito Santo em meu coração para que eu agora deixasse tudo: minha posição social já alcançada com tantos sacrificios; minha amada familia, meu idolatrado lar; todos os sonhos do lar que estava em vespas de constituir, e ainda o meu ganha-pão certo e relativamente facil, para dar um salto absolutamente no escuro quanto a tudo o que diz respeito á situação social e terrena, mas também para gozar a paz de minha consciencia que foi honesta em não se deixar amortecer ou amordaçar-se pelas

mil e uma objeções que lhe tentou opor o meu homem natural.

Passo-vos, pois, a expor como me fôr possível as razões de minha conversão.

Cheguei, no protestantismo, a convencer-me de todas as suas afirmações e negações.

E quais são elas?

Vós o sabeis.

Entretanto Deus me falou.

Falou-me por tres maneiras.

Em primeiro lugar por uma voz silenciosa, persistente, perseverante. Uma voz que se não poderia traduzir em palavras humanas. Uma voz que me falava e me fala no recesso mais profundo do meu pobre, do meu amargurado mundo interior. O meu *ego*.

Pobre *ego*! Dir-se-ia o lar do publicano Zaqueu, recebendo a visita de Nosso Senhor.

Jesus tambem me visitou e conversou demoradamente comigo. Conversou sim. Ele me falava e eu lhe respondia. Respondi loucamente, por muito tempo, orgulhoso e vaidoso, para replicar á voz que chamava. Não podeis avaliar a loucura de muitas de minhas respostas.

Chamava-me para o Céu e eu dizia-lhe que preferia casar-me. Que tinha em vista uma noiva que me prometia inexcédiveis felicidades.

Chamava-me para a posse de seu tesouro incorruptivel que a traça e a ferrugem não consomem e que os ladrões não roubam. E eu lhe respondia que não podia deixar o

ganha-pão com que me sustentava e mantinha em grande parte a minha família.

Chamava-me para o repouso eterno da consciencia, e eu lhe opunha a atração do comodismo de uma vida ociosa, sem sacrificios e renunciias profundas.

Jesus chama os homens para o grande banquete da parábola, e os homens se escusam, como na parábola, porque querem casar-se, ou porque já se casaram. Escusam-se pelas apreensões do ganha-pão cotidiano, seus negocios terrenos que lhes absorvem a alma. Preferem ir ver as suas fazendas e as suas juntas de bois.

Por fim abriram-se-me os olhos, e já não pude duvidar da autenticidade do chamado divino.

Ao par deste chamado interior, Ele me chamava ainda pela eloquência da voz de tudo o que me cerca, na natureza e na sociedade.

Evidenciou-se-me a causa primeira e a sucessão de causas do atual estado de desorientação dos povos e a falencia da atual civilização.

Quando os povos se regiam sob o temor de Deus e na obediencia á Igreja Catolica, o ocidente permanecia impermeavel ás infiltrações do paganismo. Ou melhor, a Igreja subjugou e absorveu o paganismo ocidental e iniciaria em seguida a ofensiva contra o paganismo asiatico.

Tudo o que, na Idade Média, o protestantismo acusou como corrupção da Igreja subjugada ao paganismo da velha Roma, pelo contrario, era nada mais e nada menos que remanescentes do velho paganismo assimilado e transubstanciado na Igreja de Jesus Cristo.

As crises espirituais da Idade Media tão exageradas pela critica historica protestante, eram apenas os ultimos resquícios do velho paganismo derrocado pela Igreja.

Esta, porém, nos fins da Idade Média estava precisamente no ponto de expandir-se para o oriente, valendo-se dos recursos novos que Deus lhe fornecia com o advento da imprensa e o progresso da navegação.

Precisamente nessa época o Protestantismo liberta as nações e o pensamento humano das diretrizes da Igreja Catolica, da Igreja Una, da Igreja Santa, da Igreja Apostolica, da Igreja de São Pedro, a quem Nosso Senhor havia dado as chaves do seu Reino.

Os reis da terra se desligaram da autoridade do Rei dos reis. E não tardou que eles deixassem de ser reis para os homens já que haviam deixado de ser reis para o Rei Supremo, o unico que pôde autenticar a autoridade dos reis.

Tres séculos depois que os reis se libertaram do cetro de Cristo, sob o qual conseguiram reinar durante mais de um milenio tambem seus subditos se libertaram de seus centros prepotentes, e proclamaram o liberalismo dos estados democraticos. Eis, porém ,que mal decorrido um vertiginoso século de liberalismo democratico, achamo-nos agora em face do liberalismo anarquico transformado, por paradoxo, na mais escravizante das tiranias, que é a ditadura proletaria do comunismo.

A sociedade humana tambem se submete a certas leis de mecanica. Mecanica complexa, de maquinaria cujas peças teem, individualmente, cada qual o seu motor proprio.

O Grande Motor, Deus, regula o movimento do grande eixo central da sociedade, que é a Igreja, para contrôlo de todos os estados fortes, que serão sómente aqueles que sincronizam os seus movimentos sob o contrôlo do movimento do eixo regulado pelo Grande Motor.

Os estados que se descontrolaram do eixo, precipitaram seus movimentos, provocando o fenomeno de impulso centrifugo que desagregou a sociedade pela desagregação successiva de seus elementos: a autoridade nacional, o rei, descontrolou-se da autoridade divina da Igreja Una, a entidade unificadora dos povos. Não tardou que tambem o povo súbdito descobrisse a precaridade do direito de governar, atribuido aos seus monarcas, instituindo-se o estado liberal-democratico, já agora francamente agnostico e mesmo ateu. Menos tempo ainda foi suficiente para que os individuos proclamassem o seu direito de se desagregarem completamente da autoridade já então quasi nula do estado liberal, proclamando-se a anarquia.

Hoje o Comunismo não é mais que a anarquia burocratizada nos soviets. E' o individuo ligado ao estado ditatorial. O individuo, em nome da liberdade e da igualdade, escravizado ao mais terrivel dos tiranos: o judeu de chicote em punho, submetendo matilhas de cães, em que tem conseguido transformar as multidões de cristãos loucos, que renegaram o batismo de sua infancia, o direito de herança divina outorgado por Cristo, em troca do prato de lentilhas de doutrinas igualitarias, miragens, utopias, que o marxismo judaico segredou aos ouvidos dos cristãos incautos.

Meditai por um momento, meu amado irmão protestante, e comprehendereis, se tiverdes isenção de animo, que a Reforma de Lutero foi a causa primeira, o marco inicial da carreira louca, desvairada mesmo, em que vieram a se precipitarem, no abismo da atual alucinação dos povos, todas as gerações de filosofos dos tres seculos que sucederam á Reforma.

A terceira voz de Deus, que me falou simultaneamente com a voz interior e a voz da historia foi a voz de sua Santissima Revelação, as Escrituras Sagradas. Notai que declaro ter havido simultaneidade na applicação dos elementos com que a graça de Deus houve por bem chamar-me.

Se os mencionei por ordem, em primeiro, segundo e terceiro lugar, foi simplesmente para fins de exposição do pensamento. Cada verdade que eu senti revelar-se-me pela voz interior que me falava, immediatamente comprehendí corresponder á realidade da vida e do mundo exterior. Indo, então, ás Sagradas Escrituras, encontrei, sem preconceitos e paixões, a confirmação evidente da realidade sentida e comprehendida.

Só não houve simultaneidade na minha attitude volitiva, que só pôde consumir-se após oito anos de preparação prudente, discreta, tímida, silenciosa e humilde.

O meu púlpito, nos quatro anos de meu ministerio anglicano, foi sempre claramente anti-protestante, sendo minha mentalidade nitidamente anglo-catolica, apesar de não poder agir, na parochia, em tudo como desejára, por ter que obedecer á autoridade, a que me submetia, e que não concordava com o meu catolicismo.

Hoje, porém, completamente amadurecido na minha convicção católica, cheguei a compreender que só ha um catholicismo verdadeiro, que tem a sua profunda razão de ser na sucessão de São Pedro, cujo báculo reside em Roma.

O anglicanismo católico, hoje, só tem um passo a dar: renunciar a vaidade do racismo saxonico e submeter-se humildemente ao reinado do Sumo Pontífice. Essa renuncia não tive eu que fazer por não ter origem saxonia, apesar de apreciar bastante certas feições da raça, principalmente aquellas em que se veem traços de influencia da nobre Igreja Anglicana, que ha-de um dia, oxalá não esteja longe, tornar-se um dos ramos mais viçosos e mais belos da Santa Igreja Católica, para maior glória do trono de São Pedro e, (quem sabe?) para a vitória final do Reino de Cristo na terra.

Não cito neste introito de minha carta, meu carissimo, textos biblicos por que vos prove a perfeita harmonia da Igreja Catolica, depositaria da verdade, com os ensinamentos das Santas Escrituras.

Vós os conheceis, certamente. Se os quizerdes encontrar, Deus vos auxiliará como fez comigo. Basta que conheçais a Igreja Catolica como ela é, e não como os seus inimigos dizem que ela é; desde então só encontrareis nos ensinamentos do Divino Mestre os mesmos ensinamentos da sua Santa Igreja.

Nesta carta, meu amado irmão, procuro de proposito deixar de parte o vosso racionalismo em vez de explorá-lo.

Exponho-vos apenas a minha fé com humildade, com espontaneidade, com sinceridade transparente, pelo metodo

de expor-me a mim mesmo no amago de meu coração, de minha alma, de meu *ego*, tanto quanto m'o permite fazer a sinceridade de minha conversão.

Encontrareis em algumas páginas desta epístola apparentes puerilidades de estilo, como se diz em critica literaria. Pouco me importa que o encontreis. Importa-me apenas que saibais avaliar o estado de espirito do amigo que vos escreve.

Desagradar-vos-á, por ventura, a desconexão dos assuntos resultante da expontaneidade absoluta do estilo. Se Deus vos ajudar na leitura, o que certamente acontecerá se O buscardes para êsse fim, podereis no final da leitura transfigurar a nulidade literaria desses excertos desconexos em uma nova Suma Teologica, em nova sintese monumental de Sabedoria e de Fé, de cuja substancia meu pobre linguajar terá a gloria de ser o acidente.

O esplendor da substancia de minha carta se realizará dentro de vós mesmo, irmão que me ledes, se vos valerdes de Deus e de vossa boa vontade para suprires tudo o que lhe falta para o monumento de Sabedoria e de Fé que eu quisera um dia em minha vida construir.

Neste caso, e só neste caso, haverá um mérito nestas minhas palavras: terem elas sido o acidente precario, efemero, corruptivel, de substancia copiosa, eterna e incorruptivel, de que se tenha apropriado a vossa alma pela graça que tendes alcançado no pleno gozo da Santa Religião de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Disse-vos que no correr desta carta encontrareis exposto o meu proprio coração, o amago de meu ser. Por isso mesmo deixarei de falar-vos diretamente, na maior parte dos casos, para descerrar apenas o véu pesado que oculta o sacrário sombrio de meu mundo interior, para que vejais apenas minha alma genuflexa diante de Cristo, humilhada por meus muitos pecados, a confessar minha contrição, minha fé, minha esperança e meu grande amor a Aquele que desceu á terra para erguer-me, até que um dia alcance a minha santificação na plenitude do céu.

CAPITULO II

PERDOAI-ME, PERDOAI-ME, SENHOR!

PERDOAI-ME, PERDOAI-ME, SENHOR!

“Tu és Pedro”

Meditação em que pela primeira vez me externei por escrito sobre minha firme convicção integralmente católica.

Encontra-se no meu diário dentre os dias do mês de agosto de 1936.

“Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja...”

“E haverá um só rebanho e um só Pastor...”

“Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos nós”.

A Igreja Anglicana não nega e não pôde negar a genuinidade da Igreja de Roma. Faz-lhe, porém, restrições e a principal dessas restrições é a sua exclusividade como Igreja Apostólica.

Como admitir-se a multiplicidade de Igrejas genuínas, se o Senhor Jesus quer para seu pastorado “um só rebanho”.

A Igreja Anglicana não aceita a infalibilidade da Igreja, sustentando que só é infalível a Sagrada Escritura.

Entretanto quem declarou infalível regra de fé a Sagrada Escritura foi a Igreja de Roma, e essa Igreja, ou qualquer outra, não poderia ter autoridade para julgar e declarar infalível a Sagrada Escritura, sem que ela mesma o fôsse. O menor não pôde conferir autoridade ao maior sem que essa autoridade seja precária e discutível. Não foi Deus pes-

soalmente, nem foi Jesus mesmo, quem escreveu os Livros Sagrados. Estes foram canonizados pela autoridade da Igreja, e escritos mesmos pela propria Igreja. Foram os santos filhos da Igreja os que os escreveram, e foi a Igreja que lhes reconheceu autoridade, declarando-os inspirados por Deus, para produzirem ensinamentos e revelações que constituíram o Livro Infalivel, a Regra Infalivel porque era Divina. Nisto temos a evidencia da necessidade de ser a Igreja Infalivel, uma vez que lhe foi dada a missão de julgar e autorizar dentre os ensinamentos religiosos dos homens os que são legitimos, os que são divinos, os que são certos, os que são infaliveis e os que são espúrios, heréticos, apócrifos e falsos.

A Igreja tem u'a missão entre muitas outras para a salvação dos homens: é ser a depositaria da verdade. Foi por esta missão que lhe reservou o seu divino fundador que Ela teria de ser infalivel.

Para que pudesse com precisão joeirar o trigo do joio dentre os escritos que se diziam revelações divinas desde os primórdios da era apostólica, foi a Igreja, com mão firme, sob a inspiração intensa do Espirito Santo, quem fixou o canon das Escrituras Sagradas, a sua grande Regra, que havia de acompanhá-la através de todos os séculos.

O' Igreja Santa! O' Esposa do Cordeiro! O' Corpo Místico do Filho de Deus! Sou teu filho e te amo acima de todas as cousas visiveis! Confundo o amor que te consagro com o proprio amor que devo ao meu Salvador, porque viver em ti é viver na propria imanencia de Deus!

“Vós sois a Luz do Mundo” — disse Jesus á sua Igreja, aos apóstolos e discipulos reunidos na sua presença. A Igreja é a Luz do Mundo, sim.

Como encontro nela gozo perfeito, perfeita satisfação para a minha alma, depois de tantas inquietações, de tantas torturas, de tantas angustias causadas pela duvida e pelas ilusões do cientifismo e filosofismo humanos!

Qual filho prodigo, que só pôde encontrar descanso e paz no seio do lar paterno, qual filho prodigo, abatido pela ruina total de sua vida, qual filho pródigo desiludido de todas as vaidades e de todos os esplendores efemerios do mundo e das amizades mundanas, eu sinto o dever de voltar a ti, ó Igreja, ó Mãe amantissima, preferindo ser o ultimo dos teus servos, por já não me julgar digno de ser chamado teu filho. Tenho sede de obedecer-te. Tenho fome de teus amáveis imperativos.

Tu não és, ó Igreja, a ignorância das massas, a displicencia dos maus catolicos, nem a impiedade dos maus clérigos.

Tu não és a visão estreita dos pequenos na fé, tu não és a vaidade dos homens que não vivem senão apenas das influencias secundarias de tua organização humana e social. Tu não és as parasitas, por vezes vistosas e opulentas, que se agarram ao tronco da grande videira e absorvem a tua seiva, com finalidades outras que não sejam a produção do precioso fruto que é proprio á tua especie!

Não!

Eu te conheço, ó minha Santa Mãe! Eu já te conheço! Eu te sinto! Eu sinto até de longe os teus afagos maternos.

Tu me és inconfundível, porque sinto misteriosamente a tua maternidade.

Nas lutas, nos sofrimentos, na fome, no deserto de minha solidão espiritual, mesmo no momento em que os falsos amigos de minha alma procuram embriagar-me com as bebidas fortes, para anestesiar o meu amor por ti, para sufocar as saudades que sinto de ti, até longe de ti, o Santa Mãe Igreja, sinto teu afeto materno, sinto as delicias dos teus afagos, sinto que me és inconfundível.

Estou sim, longe de ti, mas sei onde estás. Sei com precisão onde demora o meu lar, e isto me tranquiliza.

Tranquiliza-me ainda mais a certeza de que tens enviado ao meu encontro muitos de teus filhos, meus irmãos mais velhos, para me auxiliarem na viagem de regresso.

Que importa as escarpas e os espinhos da jornada?

Eles me darão maior gôzo, quando me atirar exausto no teu regaço.

Se ha escarpas, é porque a tua habitação foi posta numa grande altitude!

Está em altitude soberana, em posição suprema.

Se ha espinhos, se lhe rodeiam espessas matas de espinheiros silvestres, é para que tua habitação seja protegida dos que te não amam. Só a atingem os que muito te amam. Só a alcançam aqueles que desejam ver-te e abraçar-te, nem que seja no momento extremo da agonia e da morte.

Sim, eu te conheço e te sinto, ó minha Santa Mãe!

Tu és o Corpo Mistico de Jesus Cristo, tu és tudo para a minha alma!

Tu és a mãe que distribuiste o teu sangue nas veias de

todos os teus filhos desde que desposaste o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo! É mais, ó misterio da imanen-
cia divina, és a mãe que reunes cada dia, ao redor da tua
mesa esplendida, os filhos a quem muito amas, para distri-
buir-lhes o afeto e a santidade do esposo na distribuição da
eucaristia, para que Ele habite em nós, e nós nEle!

Só tu podes fazer isso!

Sim, Igreja Una, Santa, Catolica e Apostolica, sómen-
te tu!

É nisso está a minha maior angustia e minha maior
saude. Nisso consiste a minha solidão, o meu martirio.
Só tu ó Mãe!

Os meus melhores amigos cá de fóra teem procurado
substituir-te nos momentos de minha fome, nos momentos de
minhas lagrimas, nos momentos de minha angustia. (*)

Não os repudio, como amigos. Não os amaldiçôo. Não
os odeio. Mas interiormente sinto com lastima quanto eles
estão enganados. Eles procuram imitar os teus gestos expon-
taneos porque são gestos de amor. Eles imitam o quanto po-
dem as tuas maneiras de amar, as tuas atitudes de acariciar,
de confortar e de consolar, mas em vão, porque não sabem
fazer como tu fazes. É mesmo que o soubessem, de certo po-
deriam iludir-me, mas no fundo eu não seria ainda feliz.

Igreja, tu és a comunidade dos santos. Tu és o silencio
do sacrario. Tu és o ascetismo dos mosteiros. Tu és a san-
tidade do sacerdocio. Tu és a sabedoria dos confesores. Tu

(*) Sob esta figura de "meus melhores amigos" queria eu
referir-me á Igreja Anglicana pelo muito que esta igreja se apro-
xima, por seu ritual, com a Igreja Catolica.

és a preservação das virgens. Tu és a superhumanidade dos martires. Tu és a sublimidade das catedrais. Tu és o incenso perene da liturgia. Tu és a religiosidade dos canticos. Tu és vinte séculos de virtudes de harmonia e de equilibrio na historia humana. Tu és o Papado. Tu és a bussola despresada pelos homens. Tu és a soberana das nações, que foste por elas destronada. Tu és a Ordem Beneditina. Tu és a Companhia de Jesus.

Tu és o sal que preserva da putrefacção geral a vida dos povos em decomposição. E's a unica escola, o unico jardim da infancia para os pequeninos. E's o quartel para a mocidade hodierna. E's o refrigerio e a paz para a decrepitude da vida de cada homem.

Foste o meu jardim de infancia. Aos oito, nove e dez anos, no teu convivio, desejei ser santo: já conhecia então a meditação, o insulamento do mundo, a penitencia, a mortificação, o jejum e o silicio.

No inicio de minha adolescencia rompi com a displicencia espiritual do meu lar, batizei-me, e passei a confessar e comungar com frequencia. Só te gozei plenamente dos doze aos catorze anos.

Daí em diante conheci o racionalismo da heresia protestante. Destruiu-se-me todo o fervor da fé. Negligenciei a devoção, se bem que não me separasse totalmente da Imitação de Cristo, que lia com restrições mentais. Transigi com o pecado, até que começou a tornar-se-me evidente a beira do abismo. Senti, pela graça de Deus, que não me abandonou um instante, senti que me avizinhava da impiedade total. Cheguei a ter em menos conta a guarda de minha pure-

za, de julgar desnecessaria a conservação da castidade varonil, mas o Espirito Santo teve misericórdia de mim e eu não me perdi.

O' como tenho sido guiado por Deus! Com que zelo a Providencia Divina me tem guardado naquilo em que eu devia ser guardado, ao passo que me tem libertado para aquilo que eu devia experimentar.

Perdoai-me, ó Jesus, os pecados que cometi pela liberdade que me destes. Perdoai-me, ó Jesus, os pecados que eu não consumei só porque vós mos impedistes, e não pela minha bondade. Sou miseravel pecador. Sou profundamente pecador. Nada ha em mim que seja são. Sómente pela graça de Deus sou o que sou. Perdoai-me, O' Jesus, pela minha estulticia, pela minha maldade, pelo meu farizaismo protestante, pois muitas vezes deixei de considerar a tua graça para julgar-me bom. Perdoai-me, Senhor! Oh! eu deveria dizer só uma palavra nas minhas orações de hoje em diante e até o fim de minha vida; só uma supplica: perdoai-me, perdoai-me, Senhor!

CAPITULO III

A IGREJA E A PATRIA

A IGREJA E A PATRIA

Que significa para o Brasil a catequese protestante?
Póde ser considerada um bem para a nacionalidade?
Absolutamente não!

Principalmente este protestantismo truculento, que se introduziu em nossa terra, por obra das missões norte-americanas (*).

E' horrivel!

Como se já não bastassem as influencias cosmopolitas do famoso cinema norte-americano; como se já não abundasse essa literatura barata dos romances fabricados por atacado pelos "celeberrimos" literatos *yankês* que encontram

(*) Devo esclarecer ao leitor, que as referências feitas neste e em outros capitulos contra a ação abominável das missões e dos missionários norte-americanos em nada devem afetar as minhas relações pessoais com alguns missionários, de quem, aliás, sou pessoalmente amigo e admirador, como cavalheiros que foram sempre nas suas relações de amizade para comigo. Refiro-me com particular respeito e estima ao meu ex-bispo, em quem tive sempre um amigo e um verdadeiro pai, bem como ao meu coléga de paróquia, de cujos pontos de vista divergia, mas com quem sempre mantive as mais cavalheirescas relações sociais.

Se lhes magoar por ventura os meus conceitos sôbre a atuação, que reputo desnacionalizadora, de suas pregações missionárias em nossa terra, que me perdoem. E nunca relacionem o juizo que emito a respeito de sua inconsciente atuação maléfica aos interesses nacionalistas dos brasileiros, com o juizo lisongeiro que posso emitir da personalidade de alguns

sempre dezenas de tradutores do pior quilate, a serviço do mercantilismo de editores sem consciencia ética de sua missão; como se já não operassem tais influencias desnacionalizadoras, ainda nos trazem, pobre Brasil, empreiteiros do descredito e da desmoralização da Igreja que ensinou religião ao nosso povo, da Igreja que fez do Brasil um povo bom e cristão.

O protestantismo deveria ser considerado pelos homens de governo, como um dos males mais profundos da sociedade brasileira.

Felizmente, porém, ele ha-de extinguir-se daqui a mais algumas gerações rigorosamente educadas num regime de são nacionalismo, capaz de criar uma atmosfera cultural profundamente brasileira.

Numa época de internacionalismos desagregadores, em que a unica salvação das patrias é a mistica de suas mais profundas tradições espirituais, este protestantismo demolidor e

deles como homens de bem e até como bons e sinceros amigos meus.

Critico aqui os agentes das sociedades missionarias *yankes* e não o caráter pessoal dos cidadãos que representam essas sociedades.

Se os há, em muitos casos, profissionais sem escrúpulos, sem fervor e sem piedade, ha-os, também, sinceros, fervorosos e bem intencionados.

Estes ultimos, certamente, são inconsciêntes do papel desnacionalizador que desempenham no nosso meio, e, ainda, de certo, não percebem o cheiro de imperialismo que recende da disseminação dos costumes e modos de sentir, de pensar e de agir da terra de *Tto Sam*, fruto de suas Igrejas e Escolas na nossa terra.

Digo-os inconsciêntes, por não atribuir-lhes intenções tão malevolas aos interesses do Brasil, de que, aliás, até os creio sinceros amigos.

iconoclasta, que está disseminando entre as massas incultas o odio contra a Igreja nacional, é evidentemente um movimento de anti-brasilidade de consequencias irreparaveis.

Meu irmão e patricio protestante, meditai desapaixionadamente sobre o que vos digo nestas linhas e verificareis a verdade do que afirmo.

Se percorrermos todas as tradições mais belas de nossa historia, e as confrontarmos com os ensinamentos que nos ministraram os missionarios protestantes norte-americanos, verificaremos revoltados que temos sido, em boa fé, verdadeiras victimas da mais dissolvente ação desnacionalizadora desse protestantismo demolidor das tradições brasileiras.

Toda a espiritualidade, toda a grandeza moral de nossa formação historica, vista sob o prisma do protestantismo, que nos ensinaram os missionarios norte-americanos, se transfiguram em valores negativos.

A começar pelo aparecimento de nosso amado Brasil no cenario da Historia.

O protestantismo nos ensina o desprezo ao culto dos simbolos, das imagens, inclusive o culto da Cruz.

As unicas igrejas que admitem o uso da Cruz no Brasil, são: a luterana, cujos adeptos são quasi exclusivamente os colonos alemães, e a episcopal, de pouca influencia popular, sendo a menor das igrejas protestantes, por ser tambem a mais nova no Brasil. Seus dois primeiros missionarios aportaram aqui em 1889, havendo hoje desta seita pouco mais de trinta igrejas e capelas em todo o Brasil.

Todas as demais igrejas cultivam uma especie de fobia da Cruz.

Mesmo entre os episcopais, que usam a Cruz nos seus templos, não é de uso o sinal da cruz nas devoções de seus adeptos.

Para os protestantes a Igreja Catolica não é cristã. Os catolicos que aderem ao protestantismo são rebatizados, por não se julgar valido o batismo catolico; tambem nisso a Igreja Episcopal faz exceção. Ha até um numero consideravel de “notabilidades”, dentre os “teologos” protestantes no Brasil, que incarnam no Papa a pessoa do Anti-Cristo e da Besta do Apocalipse profetizada nas Escrituras. Dizem ainda ser a Igreja Catolica a “grande prostituta” da profecia de Patmos.

Agora eu vos pergunto:

Para todos esses milhares de brasileiros protestantes que detestam o simbolo da Cruz e odeiam a Igreja Catolica, que significação terá a epopea das navegações portuguesas de que o Brasil foi a mais gloriosa conquista, e que Camões cantou em seu poema genial, cheio de orgulho dos herois “que foram dilatando a Fé e o Imperio”?

Para eles, logicamente, o descobrimento do Brasil pelos navegadores catolicos, que fizeram frei Henrique de Coimbra rezar a missa que abençoou a nova terra, foi a dilatação da Fé do Anti-Cristo e a expansão dos dominios da “Nova Babilonia” e “grande prostituta” do Apocalipse.

Que significado terão para eles as caravelas de Cabral assinaladas com a Cruz do culto catolico?

Como receberão eles a noticia historica das primitivas denominações brasileiras do Monte Pascoal, da Ilha de Vera-Cruz, da Terra de Santa-Cruz?

Que influencia terá na sua mística nacionalista o Cruzeiro do Sul, simbolo augusto que Deus mesmo colocou no céu do Brasil, como num altar siderio, simbolo sublime com que o Criador assinalou uma Patria predestinada?

Com que repulsa esses milhares de patricios protestantes lerão em nossa historia a noticia das primeiras expedições exploradoras do litoral brasileiro, que iam dando a cada accidente geografico descoberto o nome do santo do dia em que se dava o respectivo descobrimento !

Com que indignação esses milhares de brasileiros protestantes recordarão a influencia preponderante dos jesuitas, seus maiores adversarios, na obra colossal de devotamento apostolar com que catequizaram as primitivas populações dos povoados e das selvas!

Com que revolta intima esses milhares de brasileiros protestantes terão noticia da influencia decisiva dos missionarios catholicos sobre toda a nossa vida de colonia, de vice-reino e de imperio, de que nos dão noticia hoje em todas as cidades, vilas e povoados brasileiros os tradicionais "Cruzeiros", as capelinhas silvestres, os cemiterios e as santas casas de misericordia!

Com que repugnancia não se recordarão da nossa vetusta escola antiga, se bem que rustica e primitiva, onde contudo se ensinava como disciplina fundamental a "Cartilha da Doutrina Cristã", e onde não se iniciavam nem se encerravam as aulas sem os Padre-Nossos e as Ave-Marias!

Bendita escola! Tão rustica, tão defeituosa em sua metologia, tão primitiva, desaparelhada de material e pessoal

idoneo, foi contudo o viveiro de todos os nossos herois e de todos os nossos genios.

E' que lhe faltava a espaventosa e cabotina pedagogia norte-americana, mas se saturava do espirito catolico duma sociedade moralizada, virtuosa e devotada á religião cristã.

Que influencia terá sobre os milhares de brasileiros protestantes toda a arte nacional, tão rica de inspiração e motivos catolicos.

A arquitetura colonial brasileira, expressão mais típica da arte nacional na construção, tem todos os seus principais especimenes nos nossos vetustos templos catolicos, verdadeiros relicarios da alma brasileira. A nossa literatura mais preciosa deixa transparecer sempre a alma catolica do povo, ainda mesmo quando não seja esse o seu objeto especifico.

Como poderão os pobres protestantes brasileiros sentir a alma de nossos melhores e mais caros artistas?

Que relação existe entre a exotica mentalidade do protestantismo de importação *yankee*, e a arte catolica do "Aleijadinho", Valentim da Fonseca e Chaves Pinheiro na escultura e arquitetura eclesiastica, bem como as telas de inspiração catolica de Pedro Americo e Vitor Meireles, para não citar os inumeros pintores de menor renome como D. Ricardo do Pilar, José de Oliveira, João de Souza, Frei Francisco Solano, José Leandro e outros, cujas decorações sacras até hoje exornam de profunda espiritualidade os admiraveis templos Catolicos que constituem o maior patrimonio artistico da nossa amada Patria!

Um brasileiro protestante que se habituou a pensar e a sentir como os norte-americanos, como poderá sentir o sa-

bor de brasilidade da literatura nativa, cujos primeiros albosres se acentuam com os poetas chamados da Escola Mineira, todos os quais de formação espiritual, profundamente católica, discípulos que foram dos Jesuitas, como Claudio Manuel da Costa, Basilio da Gama, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Frei de Santa Rita Durão, e outros. Para não falarmos nos Padres Souza Caldas e Frei Francisco de São Carlos que tiveram finalidades puramente religiosas em suas produções.

Mais tarde veem os românticos brasileiros, e ainda aí não ha lugar para a mentalidade norte-americanizada dos nossos modernos patricios protestantes.

O extremado sentimentalismo, bem brasileiro, a paixão do Brasil, bem nacionalista, a candidez e ingenuidade, bem católicas, são características de nossos românticos, que difficilmente poderia encontrar repercussão estética na alma do brasileiro protestante, desde que se deixe imbuir inconscientemente da brutalidade e materialidade dos modos de sentir, de pensar e de agir da terra prosaica do Jazz-band e do Arranha-Céu.

Na literatura brasileira, sómente escaparam á influencia do espirito católico os da escola parnasiana, em cujo período efêmero de existencia, ainda quando no seu apogeu, tiveram contemporâneos de brilhante reacção espiritualista, representados na personalidade culminante de Jackson de Figueiredo.

Tôda a pleiade luminosa de nossos grandes vultos, das figuras máximas da mentalidade brasileira, na literatura como em tôdas as artes, nos grandes feitos militares como

em tôdas as mais legítimas expressões de patriotismo, constitue a frutificação mais autêntica de nossa fundamental e profunda formação católica.

Para o protestantismo que nos viéram impingir os mercenarios e gozadores missionarios norte-americanos, catolicismo é sinónimo de idolatria e de paganismo, logo todos os nossos gênios, todos os nossos herois, todos os expoentes humanos das tradições brasileiras, de mentalidade e formação espiritual nitida e inconfundivelmente católicas, não passam de grosseiros fetichistas, discipulos e seguidores do Anti-Cristo, personalizado no chefe supremo da Igreja Católica, fanaticos emfim, da mais vil idolatria.

E é justamente isto, meu amado e ingênuo patrício protestante, que tendes proclamado em altas vozes, nas vossas reuniões, quando cantais aquele hino de autoria de um yankee e que diz literalmente:

*“Ainda muitos, muitos,
Estão longe dē cristãos
Adoram deuses feitos
Por suas próprias mãos:
De tão fatal pecado,
Da idolatria vil,
Unidos no Evangelho
Salvemos o Brasil!”*

Este hino insultuoso ás tradições e á cultura do Brasil, num regime nacionalista, devêra ser tomado como um índice alarmante da mentalidade anti-brasileira dêsse protestantismo, que a truculencia e o atrevimento dos missionarios

norte-americanos impunemente vem infiltrando nas massas incultas, onde vão desgraçadamente fazendo seu dissolvente proselitismo.

Meu querido e bom patricio protestante, não compreendeis, não sentis a triste realidade da vossa condição de instrumento passivo e inconsciente do imperialismo arrogante dos cidadãos missionarios que nos veem da poderosa pátria do capitalismo judaico, da dissolução dos costumes, do cinema escandaloso, do divorcio prostituidor, pátria anti-cristã, dos mais barbaros crimes, patria puritana dos mais vergonhosos escândalos politicos e sociais?

Que cegueira é a vossa, patrício e irmão, que não enxergais o absurdo de vos deixardes empolgar por um povo tão materialista, tão grosseiro na sua irreligiosidade, na sua devassidão, no seu mercantilismo, na sua incontidência, no seu detestavel orgulho, na sua mediocridade intelectual? Por que tendes tanta admiração por este povo tão diferente do nosso, antítese da bondosa alma brasileira? Porque ficais boquiaberto diante da prosperidade material de um povo que dia a dia mais resvala para o racionalismo, a descrença e o materialismo?

Parece que estou vendo vossa indignação contra mim, quando vos afirmo essas cousas contra a patria da vossa "Igreja Mãe", como denominais o protestantismo norte-americano.

Entretanto cantais com todo o fervor o hino que êles, os missionarios yankees, vos ensinaram, depreciando insultuosamente as tradições brasileiras e a formação espiritual de nossa Patria:

“Da idolatria vil

Unidos no Evangelho

Salvemos o Brasil!”

Como nacionalista, que tem orgulho de seu povo, que confia no futuro do Brasil pela confiança que deposita nas profundas reservas espirituais e morais do homem brasileiro, justamente por sua ancestralidade e formação cristãs, protesto contra a insolência e o atrevimento com que os missionários protestantes norte-americanos, dentro de nossas fronteiras, nas bochechas de auditorios brasileiros, desmoralizam, achincalham e difamam todo o nosso passado histórico, todas as mais sagradas tradições de brasilidade e espiritualidade indissoluvelmente ligadas ao catolicismo.

E vós, patricio, se não estais de todo desnacionalizado pela influência do missionário, refleti um pouco, examinai vossa consciência de bom brasileiro, e chegareis á mesma atitude de indignação e de revolta que eu já assumi.

Com o espirito assim esclarecido a respeito do missionário norte-americano, procurai depois estudar a fundo a Igreja Católica, quer na excelência de seus ensinios, de sua doutrinação perfeita, quer nas verdadeiras causas determinantes das lacunas e imperfeições de sua pratica entre as massas populares no Brasil, e eu vos asseguro, com toda a convicção, que, encontrareis no Catolicismo a Verdade. E ficareis triste, amargamente desolado, quando por fim verificardes com espanto, o quanto estáveis enganado sobre o que realmente é esta Igreja, a Igreja de Cristo, a Unica Igreja, que é a Santa Igreja Católica Apostólica Romana

Sois vitima de confusões.

Sois vitima de erros e calúnias, que se generalizaram com a colaboração muito ativa do judaismo e da maçonaria.

Orai com fervor, meu amado patricio e irmão-separado. Orai com profunda devoção. Pedi a luz divina.

E comprehendereis que sómente na Santa Igreja Católica podereis ser verdadeiro cristão e brasileiro integral.

CAPITULO IV

“SENHOR MEU, E DEUS MEU”

“SENHOR MEU, E DEUS MEU”

— S. João, 20:28.

Página extraída do meu diário,
no mês de Setembro de 1936.

O' meu Deus, não tenho como quisera em tão alto grau a virtude da fé. A certeza do que creio me foi dada pela vossa graça de maneira evidente.

Se há virtude em mim é apenas a de confessar a evidência do que me revelastes, como outróra a Tomé no Cenáculo de Jerusalém.

Como poderia eu deixar de confessar a Verdade que vislumbrei na Santa Igreja Católica, se vós m'a patenteastes aos meus olhos!

No mundo atual, Senhor, nos dias tormentosos que vivemos na terra, quem poderá deixar de reconhecer que todas as angústias humanas se devem ao desprêso que os homens votaram á paz que só vós podeis conceder aos filhos que vos buscam no refúgio da vossa Santa Igreja!

Os homens se empolgaram pelo ateísmo de Nietzsche e de Marx. E êstes se alucinaram pelo caos dos tempos que viveram, em que se confundia a liberdade com a licença.

Liberdade! O' maldita ilusão para os materialistas, que confundiram o mais sublime ideal do homem, como Deus

o criou, dotado de tôdas as faculdades para o pleno gôzo do livre arbitrio, com o ideal de animalizar-se o que era divino.

A liberdade está no espirito e não na carne.

A liberdade está na verdade e não no êrro. E' fruto do bem e não do mal. Está nas grandes altitudes e não nas regiões limitadas do vale de misérias da habitação da terra.

Tôda a evidência da fé que abracei, como Tomé humilhado pela sua cegueira espiritual, se patenteia no cenário tragico da vida que ora passamos.

A Espanha revolta num cáus de fogo, sangue, cadáveres de corpos e de almas, imprecações, blasfêmias e profanação. A Espanha a esvair-se em sangue na mais cruenta das guerras em que se defrontam comunistas e fascistas. A Rússia, a grande nação cadáver, a Russia morta sob a mais tremenda asfixia espiritual, a Russia sofredora e escrava, sob o látego terrível do ateísmo comunista, dir-se-ia vive na história hodierna como se o Reino das Trévas se houvesse concretizado num grande império visível que o Anti-Cristo implantasse na terra para antecipar e combater o próximo Império de Cristo.

A velha França, a gloriosa França de S. Luís e de Joana D'Arc, a pátria de Carlos Magno, transformou-se na grande apóstata moderna, na subserviente escrava de Moscou.

E a Inglaterra? Campo fecundo da sementeira do apostolado de Santo Agostinho, filha muito amada de S. Gre-

gório Magno, constituiu-se por fim no navio pirata do mercantilismo judaico, que há um século não descança de tecer entre as nações de todo o orbe a trama sinistra planejada pelos sábios de Sião. O capitalismo judaico em Londres, fruto amadurecido do liberalismo económico de Adam Smith, é hoje o estado maior do comando sionista na ofensiva violenta contra o direito cristão da propriedade, cuja derrocada será o início da proletarização dos povos cristãos e da sua consequente escravidão às potestades judaicas erigidas então na corte do reinado do anti-cristo.

Mas não é só a Espanha, a Rússia, a França e a Inglaterra. São todos os povos que sofrem hoje as amarguras infringidas pelos exercitos vermelhos do ateismo e do anti-Cristo.

E' toda a Humanidade!

Se de um lado, dentro de cada nação, se arregimentam os adeptos fanáticos do comunismo, imediatamente do lado oposto cada povo reage por instinto de conservação nacional, sob a bandeira do fascismo.

O fascismo atônito, o fascismo de emergência, a correria das massas em torno do primeiro super-homem. O super-homem de Nietzsche.

O mais audaz, o mais forte, o mais violento, ainda que seja o mais bárbaro!

Em estado de pânico apresenta-se aos povos um dilema: o comunismo com toda a evidência de seu ateísmo, de seu materialismo, de sua barbarie e um chefe fascista, que possa depois da vitória optar por Cristo ou por Nietzsche.

Os filhos das trévas se atiram no communismo, e os filhos da luz, os que amam a verdade, os que aspiram o bem, no momento angustioso da decisão, se absorvem na massa sob o comando do super-homem.

E vós, ó meu Jesus, onde estais, no decorrer da grande peleja?

Será que na paixão dos nacionalismos exacerbados, muitos de vossos filhos não vos venham a esquecer?

Este é o grande drama que vivemos.

A caridade e a fé, as mais preciosas virtudes cristãs, nos nossos dias se teem extinguido em muitos corações.

O epicurismo burguês, a animalidade comunista e a violência fascista se inspiraram no materialismo e ateismo de Spencer e Renan, Marx, Nietzsche e Hegel.

Estes, por sua vez, beberam nas fontes de Voltaire, de Spinoza e de Descartes.

O século XIX foi o sucessor natural dos séculos de Voltaire, de Spinoza e de Descartes. E o século dêste último tinha de succeder imediatamente ao século de Lutéro.

A Igreja que tranquilizára o coração humano durante um milênio, o milênio de S. Tomas de Aquino, a Igreja que unificára o Ocidente e se projetava triunfante em busca do Oriente remoto, a Igreja foi abandonada por Lutero com seu séquito de príncipes e reis, para que o mundo se entregasse ao caos tenebroso do orgulho e da vaidade humana, que pretendeu substituir a coluna e o luzeiro da Verdade por uma nova Torre de Babel.

Reproduziu-se então a confusão das línguas; todos fala-

ram, mas idiomas diferentes, incompreensíveis entre si, e os homens não mais se entenderam.

A voz pontifícia da Igreja foi abafada pelas trombetas altisonantes, estridentes e desvairadas da loucura humana.

No início do nosso século, porém, neste século das grandes e definitivas decisões, o homem vai compreendendo que no caos da anarquia dos povos só se delineam dois grandes partidos, delimitam-se apenas dois grandes sectores — o do espírito e o da matéria, o da verdade e o do êrro sempre illusório, o do bem e o do mal, o de Cristo e o do Anti-Cristo, o da Igreja e o da Sinagoga de Satanás.

Senhor meu, e Deus meu, como vos revelais nítido aos olhos de nossa geração!

Dir-se-ia que descestes á terra outra vez, como nos dias dos Apóstolos, dir-se-ia que viveis visivelmente entre nós, nos nossos dias, como nos dias de Tomé, para nos declarar-des que não estais morto, que já ressuscitastes, que és o nosso Deus!

Dir-se-ia que ainda agora vos compadeceis do cepticismo do mundo que, por vos não ver, descrê da vossa existência, desiludidos que estavam os vossos filhos pelas vitórias dos crucificadores modernos que aparentemente conseguiram subjugar-vos sob a pedra pesada do jazigo de Arimatea!

E vós descestes a mim, ó meu Deus, logo que voltei ao cenáculo de onde estive ausente enquanto appareceste aos meus irmãos fiéis, descestes até mim, num gesto de profunda comiseração de minha miséria, de minha vaidade, de meu pecado e me mostrastes como expressão mais real de

vosso grande amor as chagas dilaceradas de vossas mãos e de vosso lado.

E eu vi! Como Tomé não ousei tocar-vos.,

Apenas me prostro aos vossos pés e me submeto cheio de gôzo e de paz.

Senhor meu, e Deus meu!

CAPITULO V,

LIVRE EXAME

RECEIVED
JAN 10 1900

LIVRE EXAME

Meu amado irmão:

Não quero trair á finalidade e ao propósito que tive em vista, ao iniciar esta carta: finalidade de comunicar-vos um pouco do fervor espiritual que animou o processo da Graça em minha alma, para a minha conversão ao Catolicismo; e propósito de não ser levado a controvérsias doutrinárias e a debates de caracter racionalista..

Sinto, porém, a necessidade de expor-vos, com a máxima simplicidade e expontaneidade, como pude aceitar todo o sistema doutrinário dessa Igreja que na minha adolescência insensatamente tanto repudiei.

O ponto de partida dessa minha disposição de fé para com a Igreja Católica, é lógico, foi a desilusão a que cheguei sobre o absurdo principio do Livre-Exame.

Se Deus houvesse estabelecido êsse método de revelar-se aos homens, a arte de ler devêra ser para a humanidade uma faculdade tão universal quanto qualquer dos sentidos naturais da espécie humana, e a imprensa, que tornou fisicamente possível a divulgação dos Livros Sagrados, não teria sido inventada só ultimamente, já na idade moderna, mas seria empregada para divulgar a revelação de Deus, desde o aparecimento dos primeiros Livros de Moisés, para que ês-

ses fossem logo postos ao alcance de todos os pecadores. Essas empresas Norte-Americanas e Britânicas ultra-modernas, que produzem milhões de Biblias por anno, deveriam ter sido montadas desde os dias em que se escreveu o Livro do Génesis.

E' evidente que a salvação eterna das almas não pôde ficar dependente dos modernos linotipos e rotativas.

A primitiva e morosa imprensa inventada por Guttenberg, estava, sem dúvida, predestinada a grandes serviços á causa de Cristo, como aliás também á causa do Anti-Cristo. Mas não cheguemos á idolatria de attribuir á máquina de quatro séculos a função de salvar os homens cristãos que a precederam através dos dezesseis séculos do cristianismo anterior á Guttenberg, para já não falar das gerações que viveram durante alguns milénios antes de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Outra impraticabilidade da doutrina contraditoria do Livre-Exame, está em que, racionalmente praticado, seria necessario que cada um dos protestantes que o professam começasse por investigar pessoalmente sôbre a autenticidade e inspiração divina de cada um dos livros da Biblia, para que êstes mereçam depois a confiança do estudioso de seus textos. Aí o Protestantismo se nega a si mesmo.

Abjura as prerrogativas do Livre Exame e apela para a autoridade dos Cânones das Escrituras — Autoridade da Igreja Católica, Apostolica, Romana, que foi quem estabelecer os referidos cânones sobre que o Protestantismo empenhou todo o seu alicerce doutrinário.

O protestante recebe a Bíblia tal qual a edita a Sociedade Bíblica Americana, com a mais cândida crença na inspiração divina daquele livro, porque a Igreja Católica o estabeleceu por sua divina autoridade como a Revelação de Deus. Abdica neste ponto fundamental de seu principio básico — o livre exame. Logo em seguida, nega a autoridade da Igreja de interpretar essa mesma Bíblia, para proclamar a autoridade individual de cada leitor na interpretação dos textos sagrados.

O Protestantismo aceitou a Bíblia Católica como Revelação de Deus, com todos os Livros Canônicos, conforme os cânones estabelecidos pela Autoridade da Igreja Católica. Isto sem exame prévio. Ao mesmo tempo negou essa mesma autoridade da Igreja sobre a qual baseava o seu Livro doutrinário. E ainda ao mesmo tempo, proclamava a necessidade do Livre Exame. Só muito posteriormente á proclamação do Livre Exame de Lutero é que se iniciou entre os protestantes a moderna critica da Bíblia. Antes da critica moderna, afirmavam os protestantes: "A Bíblia é a Palavra de Deus, conforme afirma a Igreja Católica. Mas a Igreja Católica não tem autoridade para afirmar cousa alguma sobre a Biblia. Quem a tem é cada um dos adeptos do Livre Exame que aceita a Bíblia sem prévio exame sobre a sua inspiração e a sua autenticidade, baseado apenas na autoridade dos cânones estabelecidos pela Igreja Catolica, Apostolica, Romana".

Verificando, portanto, as inumeras contradições decorrentes do principio protestante do Livre Exame, conclui ser imprescindivel a aceitação da autoridade infalivel do magis-

terio da Igreja que Jesus estabeleceu sobre o fundamento de S. Pedro e dos demais apóstolos e profetas.,

Aliás, quem faz a mais legitima defesa da autoridade apostólica, soberana e infalível da Igreja é o próprio Senhor Jesus Cristo, quando faz a S. Pedro a promessa de dar-lhe “as chaves do Reino dos Céus” e de ligar no céu o que ele ligar na terra, promessa esta que depois repetiu a todos os demais apóstolos reunidos com S. Pedro.

E o apóstolo S. Paulo, mais tarde, escrevendo a sua 2ª Epistola aos Corintios no Capitulo 10º defende a autoridade apostólica com as seguintes categóricas afirmações:

“Eu, Paulo, por minha parte, vos exorto pela mansidão e clemência de Cristo... sim, vos rogo que, estando eu presente, não seja ousado com a confiança com que me proponho ser atrevido para com alguns que nos julgam como se andássemos, segundo a carne”.

Note-se que daí em diante S. Paulo generaliza aos demais apóstolos os atributos da autoridade que defende, pela pluralização dos pronomes da 1ª pessoa e dos verbos.,

“Pois vivendo na carne não militamos segundo a carne (porque as armas da nossa milícia não são carnaes, mas poderosas em Deus, para demolição de fortalezas), derribando raciocínios e tóda a altura que se levanta contra a ciência de Deus, e levando a cativo todo o pensamento para a obediência a Cristo, e estando prontos para punir tóda a desobediência...”

“Pois mesmo se me gloriar, algum tanto mais acêrca da

nostra autoridade, que o Senhor deu para edificação... não serei envergonhado”.

“Pois não é aprovado aquele que a si mesmo se recomenda, mas aquele que o Senhor recomenda”.

Depois destas citações bíblicas eu vos pergunto caríssimo irmão protestante:

Que quer dizer a promessa das “chaves do Reino dos Céus”, que Jesus fez a S. Pedro?

Essa promessa julgais de demasiada autoridade da qual não julgais digno o Papa, supremo Doutor da Igreja, mas a atribuíis, de certo, a todos os “pastores” da vossa Igreja, mesmo áqueles que exercem profissões mundanas absorventes no commercio, ou como dentistas, industriais, politicos, vidraceiros, etc., como diversos que conhecemos, que nem fizeram cursos regulares de humanidades e teologia, sobre os quaes, entretanto, para conferir “sagradas ordens” se impuseram as mãos “apostolares” dos vossos “prebisterios”, “conferências”, “congressos” ou “convenções”, conforme os usos de cada seita.

Que quer dizer o apóstolo com as seguintes expressões: “vivendo na carne não militamos segundo a carne, mas com armas poderosas em Deus, derribando raciocínios, *levando a cativoiro todo o pensamento para a obediência a Cristo...*”

Que quer o Apóstolo dizer com estas fortes expressões senão a afirmação da autoridade apostólica de origem divina e a negação mais categórica de todo o racionalismo e livre exame do Protestantismo de Lutero?

E acrescenta o vosso apóstolo predileto:

“Pois mesmo se me gloriar da nossa autoridade, que o Senhor deu para edificação... não serei envergonhado”.

“Pois não é aprovado aquele que a si mesmo se recomenda, mas aquele que o Senhor recomenda”.

Aqui S. Paulo reafirma a autoridade apostólica de origem divina, e nega aprovação divina de autoridade aos que não teem recomendação do Senhor Jesus, a saber, os que não se ligam á linha de sucessão apostólica, via unica do mandato divino, concedido por Jesus a S. Pedro e demais apóstolos.

Para que maior evidência da genuína autoridade da Igreja Católica?

Para que maior condenação do ministerio ilegítimo dos pregadores protestantes?

Por isso resolvi submeter-me á Igreja autêntica de Jesus Cristo, de S. Pedro, e demais apóstolos, abjurando qualquer das seitas protestantes cismáticas, que se desligaram da autoridade do sucessor de S. Pedro por obra de homens rebeldes e apóstatas.

Depois que compreendi essa verdade fundamental da Igreja Católica e êsse êrro fundamental do protestantismo, não enxerguei mais nenhuma incoerência nos ensinamentos santíssimos da Santa Igreja de Cristo.

A Sagrada Eucaristia, com o seu profundo mistério da Transubstanciação, afigurou-se-me evidente, intuitivamente evidente.

Nada de irracional nesse consolador e santo dógma da Fé Catolica.

A Igreja não ensina e nunca ensinou, por exemplo, que o pão e o vinho se acham misturados com o Corpo e o Sangue de Cristo, absurdo aceito por Lutero; ou que Jesus, presente sob os accidentes do pão e do vinho está ali substancialmente em estado semelhante ao nosso corpo fisico, tangível e passível, como pensais que é o que significa o dogma da transubstanciação.

Não, meu carissimo irmão protestante.

Errais, quando aceitais a doutrina luterana, ou quando, como calvinista ou zungliano, attribuis ao dogma católico um enunciado errôneo e vicioso.

Ficai sabendo, de uma vez para sempre, o que a Santa Igreja Católica ensina sôbre o dogma da Transubstanciação:

A) Tôda a substância do pão é mudada no corpo de Cristo e a substância do vinho na do seu sangue,, assim que do pão e do vinho só permanecem os accidentes ou espécies.

B) Essas especies (côr, fôrma e sabôr), fazendo-nos sensível a presença real de Jesus, que se nos não pôde tornar visível, não lhe são inerentes.

C) Cristo, após sua ressurreição, tem inseparavelmente unidas, alma, divindade, corpo e sangue, portanto Jesus está inteiro e vivo, tanto sob o accidente do pão, quanto sob o accidente do vinho.

D) Ainda em consequência de sua ressurreição, o corpo de Nosso Senhor, sendo glorificado, permanece no sacra-

mento em estado muito diferente de nosso corpo, é um corpo celestial, portanto, incorruptível, intangível e impassível.

E) Estando o Corpo de Cristo na Eucaristia em estado sobrenatural, torna-se-nos sua permanência ali absolutamente incompreensível, em cousa alguma semelhante ao nosso corpo natural, sujeito às leis físicas relativas ao espaço, conforme as dimensões.

Esses são os ensinamentos da Igreja sobre a Santa Eucaristia.

Nada há de contraditório ou de absurdo nisso.

Pelo contrário. Considerando-se a transcendência da matéria, em questão, pelo qual não nos é possível abranger tôda a complexidade do facto sobrenatural, temos que aceitar o dogma tão confortador, pelo qual a Igreja nos dá a noticia de que “temos presente Cristo aqui, conosco, em nós”.

Eu aceitei com grande gozo, com indizível alegria, a realidade dessa revelação.

E peço a Deus que também vós, ó meu amado irmão, venhais a encontrar esta mesma felicidade para a vossa alma.

O culto de Nossa Senhora e de todos os santos, em ultima analyse redunda no próprio culto de Deus, pois os cultuamos pelas virtudes de sua fé, de sua devoção, de seu imenso amor para com o proprio Deus.

E' como o culto dos herois da nacionalidade, que não colidem absolutamente com o culto da Patria, pelo contrario, resultam afinal no próprio culto da mesma Patria.

Emfim, meu irmão separado, considerando-se desapaixonaadamente todo o sistema doutrinario e devocional da

Igreja Católica, bem como todas as suas consequências éticas e sociológicas, chega-se á conclusão da perfeita harmonia, inteligência e beleza dessa Igreja Eterna, que Nosso Senhor mesmo instituiu para a felicidade perfeita e santificação de seus remidos.

Esta é agora a minha Igreja, meu irmão.

Aqui encontrei enfim minha alegria, minha salvação, minha santificação.

Queira Deus iluminar-vos, fazer-vos contemplar a evidência da verdade, constranger-vos a vencer todo o respeito humano, toda a vaidade, todo o orgulho, todo o preconceito, toda a paixão, todo o comodismo, todo o mundanismo, e toda a tentação, para que vos entregueis de corpo e alma sob a proteção espiritual da bemdita companhia de todos os apóstolos e profetas, martires e santos de todas as épocas, todo o povo o fiél, enfim, que constitue o Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

CAPITULO VI

"SENHOR, AJUDA A MINHA INCREDELIDADE"

CHAPTER II

OF THE HISTORY AND PRESENT STATE OF THE

“SENHOR AJUDA A MINHA INCREDULIDADE

Meditação, em fórmula de prece,
encontrada entre as paginas do
meu diario, em Outubro de 1936.

Senhor meu e Deus meu, amantíssimo Salvador, perdoai-me os momentos torturantes de dúvidas.

Perdoai-me, Senhor, a infidelidade de minha pobre alma nos seus momentos trevosos de descrença.

Descrença de mim mesmo e, ainda pior, descrença da vossa Graça para a minha santificação.

Dúvidas sobre a minha vocação, duvidas sobre a possibilidade de ser santo.

Meu Jesus, dai-me fé mais estavel, dai-me fé absoluta no poder da vossa graça e da vossa providencia.

Tôda a minha indecisão, tôda a protelação do passo decisivo que devo dar para ingressar na vossa Igreja, decorre, no fundo, de um só pecado, de uma só fraqueza, de uma só deficiência espiritual, que eu reputo como o ponto de partida de todo o meu drama: a minha pequenina fé, a minha amargurada descrença.

Como é sutil êste veneno que corrói o meu ser espiritual! Como é traçoeiro êste inimigo de minha alma! — o momento da dúvida — a instabilidade da Fé.

Jesus, dai-me a graça de crer em tôdas as circunstâncias. de crêr tôda a verdade, de crêr tudo o que crê e ensina a Santa Madre Igreja, mas crêr principalmente, e acima de tudo, na minha vocação e no poder da vossa graça.

Maria Santíssima, Senhora das Graças, diz a Santa Igreja Católica que vós sois o refúgio dos pecadores, a consoladora dos aflitos e o auxilio dos cristãos. Apelo portanto para vós, ó minha Mãe, apelo para o vosso sacratissimo coração, afim de encontrar em vós o meu refúgio, a minha consolação e o meu auxilio.

Dai-me fé, ó Senhor e Redentor de minha alma! Dai-me fé, ó Mãe Admiravel!

Não deixeis que a minha alma resvale para o desesperador abismo da descrença.

Quando as trévas medonhas da dúvida ameaçarem de enuviar o meu espírito, submergindo-o na tristeza e no desconforto, vinde, ó Mãe, em meu auxilio, e salvai-me.

A dúvida, a descrença, a fé instável, eis a grande angústia em que, por vezes, se tem debatido a minha pobre alma.

A dúvida de minha vocação, a descrença na Santa Igreja Católica, a fé instavel na Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

“O’ minha alma, porque estás abatida e porque te perturbas dentro de mim? Espera em Deus pois eu ainda O louvarei!”

Espera, sim, ó minha alma, no teu Salvador que Ele não te faltará no momento oportuno.,

“O Senhor é a minha luz e a minha salvação., a quem

temerei? O Senhor é a força de minha vida, de que me arrecearei?”.

“O Senhor guardará a minha entrada e a minha saída, desde agora e para sempre.”

Dúvidas e incertezas, descrenças e racionalismo, afastai-os, Senhor, cada vez mais, de minha pobre alma..

Quero viver, Senhor, a vida dos vossos santos, viver na terra a vida celestial.

Para isso, ó Jesus, vinde em meu auxilio, afastai de mim as obras das trévas, e revesti-me com os trajes da luz.

Anseio, ó Mãe Santissima, pelo dia bem-aventurado em que receberei as insignias sagradas da vossa benéfica Congregação Mariana.

Aspiro, com impaciência, aquele dia glorioso, em que, aos vossos pés, cantarei vossos louvores e vossa gloriosa majestade celestial.

O' Maria concebida sem pecado, ó bemdita Senhora das Graças, misericordiosa Senhora da Piedade, Santissima Senhora das Dôres, vinde em meu auxilio, quer no mundo interior de minha existência, quer no exterior.

“O' Maria concebida sem pecado original, quero amar-vos toda a vida com ternura filial.”

Auxiliai-me, ó Mãe Santissima, auxiliai-me a realizar, num dia, que não esteja longe, o sonho, a aspiração máxima de minha vida: volver á Igreja de Jesus Cristo, depois de calcar sob os pés, tôda a dúvida, tôda a descrença, tôdo o racionalismo deletério que infelicita a minha alma na confusão e na impiedade.

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por mim, pecador.

Senhor, tende piedade de mim.

Cristo, tende piedade de mim.

Senhor, tende piedade de mim.

Amen.

CAPITULO VII

O REINO DE DEUS E O REINO DO MUNDO

O REINO DE DEUS E O REINO DO MUNDO

“Buscai primeiramente o Reino de Deus...” — S. Mateus.

Foi quási uma confidência aquela minha palestra, com o velho amigo que encontrára onze anos depois de nossa convivência colegial.

Amigo velho, dos tempos de estudante, ex-companheiro de internato, ex-companheiro de ideais, quando nos preparávamos ambos para o ministerio presbiteriano. E' razoavel que nos expandissemos cordialmente, na intimidade daquele encontro.

Eis, porém, que ao nos defrontarmos, agora, nos víamos em campos diametralmente opostos: eu nacionalista e ele “socialista avançado”; eu católico e êle descrente das religiões e principalmente do cristianismo. Não teve a franqueza de me dizer, talvez pelo muito que me conhece, sabendo, portanto, a tristeza que me causaria, mas eu concluí, com toda a certeza, que suas convicções atuais são francamente ateístas e materialistas.

No correr do diálogo de nossa conversação, êle pôde vislumbrar o drama de minha alma. Não que eu intencionalmente lho revelasse, mas a necessidade de replicar suas afirmativas infelizes e céticas, obrigou-me, por vezes, inconsci-

entamente, a revelar-lhe o meu estado de espirito, vivido em meditações, e absorto na contemplação das cousas eternas. Estado de absoluto desprendimento do mundo.

Ele notou e deu alarme, como se quizesse chamar um louco ao bom senso.

“Que pensamentos estranhos, que idéas místicas, que vida sombria é a tua, meu amigo! Deixa-te disso!

“Cai na realidade da vida!”

E depois, como quem oculta uma apreensão de espirito que deseja camuflar, já então, com humor:

“Olha, rapaz, vai para a roça numas férias de três meses. Descança ali o corpo e o espírito, principalmente o espírito. Troca esta indumentária eclesiástica preta e pesada, por um terno claro e esportivo. Deixa em casa Biblias, devocionarios e o teu Tomás de Aquino. Passa três mezes sem lêr cousa alguma e até sem importunar a Deus com tuas rezas diárias.

Voltarás outro homem.

Caça, pesca, passeia a cavalo, vive o contato da natureza virgem, e o teu misticismo se transformará em naturalismo sadio, que te fará grande bem.

Por agora, vamos juntos ao cinema ver a exibição do maior dansarino da época.”

E fomos mesmo ao cinema, tanto quanto aceitei a sugestão de passar algum tempo fóra, com a restrição, é claro, do conselho contra as orações diárias.

Acompanhei-lhe ao cinema e aceitei a sugestão de viajar, não para provar-me a mim mesmo, mas para demonstrar-lhe e a todos os que pensam de mim um fanático ou obcecado, que realmente se opera um ato de vocação da Graça de Deus, num organismo espiritual tão normal quanto o possa ter normal o comum dos homens.

Mas encerrei nossa palestra religiosa, reafirmando-lhe:

“F., o fenómeno de transformação espiritual que te levou para a descrença, foi o mesmo que me levou a esta fé religiosa tão convicta que te parece fanática.. Em ambos os casos deu-se apenas a reacção psicológica de nosso protestantismo. Em mim, devido á formação católica de minha infância, a reacção agiu pelo retôrno ao catolicismo, em cujo seio caí com a felicidade do filho pródigo, quando voltou ao lar paterno. Em ti, como na maioria dos casos, a reacção levou-te á descrença, á desilusão desesperada, ao materialismo, ao epicurismo absoluto.”

.....

De volta á minha casa, agora, profundamente impressionado e abalado pela emoção do nosso encontro e da nossa conversação, resolvi raciocinar com serenidade, vencer o sentimentalismo, que, realmente, em parte alimenta o meu estado de alma, nesta fásce de minha vida, começando então a monologar, com o raciocínio frio de meu infeliz amigo, que aliás, ainda está contado no número dos pastores protestantes.

“Tudo até aqui tem sido ilusão completa.

Mais do que ilusão, tenho vivido em verdadeiro estado de alucinação.

Resolvi vencer esta alucinação. Vou pensar, por algum tempo pela cabeça de F.

“O que é certo é que meu corpo vive, e gosta de viver. Para que a vida lhe seja feliz, isto é, agradável, preciso tratá-lo muito bem: boa mesa, boa cama, boa indumentaria, boa casa. Recreações variadas. Trabalho minimo, e todo êle sómente para aquisição de beneficios ao corpo. Num corpo assim feliz, a alma, isto é, os sentimentos, a intelligencia e a vontade, tambem será feliz, porque viverá tranquila e alegre. Devo descrêr de tôdas as religiões e de tôdas as Igrejas, porque grande parte de seus adeptos são piores, são mais perversos, no fundo, do que muitos ateus e materialistas.

Não devo cogitar de Deus, se Ele existe ou não.

Devo ser bom, emquanto a bondade me fizer um bem sensivel no momento presente. E ela sempre ou quâsi sempre nos traz êsse bem sensivel e immediato, que é o bem de nos julgarmos superiores áqueles que para fazerem o bem precisam de freios de religiões e temores de castigos divinos”.

“Mas que loucura a minha! Deixar tôdas as comodidades de minha actual situação social e financeira, com ordenado certo e tempo sufficiente para ganhar dinheiro em diversos outros mistéres e negócios alheios á minha profissão ecclesiastica! Em vésperas de casar-me com a moça mais distinta e de melhores qualidades dentre todas as que conheço; moça que me ama e a quem eu muito amo. Contrariar profundamente a vontade e as aspirações de toda a minha familia. A

minha estremecida mãe, que passa já os últimos dias de sua vida; a minha querida madrinha, que tudo fez em meu favor para que eu alcançasse a posição social atingida; minhas irmãs, meus parentes mais íntimos, todos não se conformam com o meu desejo de seguir o sacerdócio na Igreja Católica, por representar para mim êste gesto a renúncia de tudo o que adquiri nos meus trinta anos de vida, que já não é mais tão joven, para começar a construir tudo de novo, desde os alicerces: a minha cultura, a minha posição social, a minha situação financeira.

Positivamente isto é loucura, é delírio.

A filosofia de F. me salvaria de tantas provações, tantos incomodos, tantas incompreensões, tantos sofrimentos”.

“Se tenho índole religiosa vou cultivar então a religião naturalista, o panteísmo da natureza., Verei Deus no brilho do sol, nas bênçãos dos orvalhos, nas harmonias musicais dos passaros em concerto com o murmúrio dos regatos e o farfalhar das florestas.

Verei Deus nas harmonias silenciosas dos perfumes, das flores e das caricias da brisa.

Cantarei os louvores dêste Deus que se revela toda Bondade para comigo na natureza e por gratidão á sua bondade também eu cultivarei a bondade no meu proprio ser para que também o possa ver dentro do meu coração”.

.....

Será que me é possível viver assim? Só assim?

Viver contemplando na natureza a criação de Deus, que é o Sumo Bem eu compreendo.

Viver aprendendo com a natureza a ser bom eu também compreendo.

Viver sendo bom por gratidão ao Deus que é toda a bondade e que quer habitar no coração dos homens a quem ama, também é o que sinto.

Mas... (nesta adversativa cai por terra toda a filosofia de meu amigo) como conseguirei esta bondade pela simples influência natural, se até hoje a tenho buscado sem a conseguir com toda a plenitude que almejo?

Ser bom é todo o meu ideal, todo o meu sonho. Ideal, sonho sempre frustrado pela tristíssima realidade do mal que habita em mim. E este mal só poderá ser sufocado pelas influencias sobrenaturais que Deus me fornece nas promessas de sua Santa Palavra e de sua Santa Igreja.

Não vejo mérito em mim enquanto não renunciar definitivamente o pecado pelo processo das mais violentas renúncias. "Se o teu olho te serve de escândalo arranca-o, e lança-o fóra de ti... se a tua mão direita te serve de escândalo, corta-a, e lança-a fóra de ti..." E' a renúncia violenta dos prazeres dos sentidos pecaminosos, para o triunfo definitivo do espírito.

As minhas convicções realmente não encontram apóio na razão naturalista de meu ex-colega. Elas se firmam em razões profundamente espiritualistas.

E' um fenómeno de diversidade de polos de atração.

Quanto mais êle se firmar nas suas razões materialistas e eu me firmar nas minhas razões espiritualistas, tanto mais nos desviaremos e nos distanciaremos, cada qual ao encontro

daquilo em que focalizou sua alma, como objetivo ultimo de felicidade.

Ainda que eu estivesse louco ou iludido, seria feliz, á proporção que fôsse progredindo na jornada em busca da felicidade que reside no Bem espiritual e infinito.

E sou feliz: não troco a metade da felicidade que sinto desde já no recesso mais íntimo de minha alma, com a plenitude da felicidade, com o total de "felicidades", que meu pobre amigo espera atingir até á consumação de sua jornada, em busca dos bens desta vida curta e efêmera que se passa na terra.

Tenho prazer no desprezo de tudo isso que me cerca, pois não consigo ver em nenhuma dessas cousas, nem mesmo no conjunto de todas elas felicidade suficiente para que encontre aqui a finalidade de minha existencia.

O' meu amigo, se fôsse realmente esta vida animal, esta vida terrena, a última razão de ser de minha existência, mesmo assim, como em attitude de revolta contra o fatalismo cego e estúpido de um universo sem Deus, eu desprezaria tal existencia e me tornaria então, um ser espiritual único no ambiente imenso de um universo morto, material e sem Deus.

Não compreendo, não aceito, repugna-me por completo, o materialismo ateu, a concepção materialista da vida. Repugna-me tanto esta concepção, que preferiria mil vezes renunciar a propria existencia terrena, ainda que fôsse esta a unica realidade, do que nivelar-me aos seres de vida inconsciente e viver para o estômago e para joguete das paixões da carne.

Que Deus te illumine, meu amigo, para que possas ter a felicidade, de te integrares no concerto imponente, no conjunto sublime desta humanidade, a Igreja, que vive a verdadeira felicidade humana e que constrói para a sociedade o único abrigo seguro á vida dos povos. E' a humanidade divinizada pela imanência de Jesus Cristo, a humanidade obediente ao báculo apostólico de São Pedro a representante do próprio Cristo — a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, a Igreja Eterna, a Igreja de Deus, com a qual Jesus Cristo habita até o fim dos séculos.

CAPITULO VIII

MINHA SÊDE

MINHA SÊDE

Aqui se revela minha inquietação de espirito, meu desconforto de consciência, muito intimo, occulto, após alguns meses de lutas interiores, sem precedentes em minha vida.

Resultado do desequilibrio entre uma attitude volitiva e uma convicção intellectual reforçada pela consciência da vocação de Deus.

Do meu diario em Novembro de 1936.

"Como o Cervo suspira pelas correntes das aguas assim a minh'alma tem sêde de ti, ó Deus".
— (Salmo).

O' meu Deus, neste solilóquio que ecôa no escriptorio indevassavel de minha consciencia, em que minha alma se abre diante de vós, eu falo sómente a vós e não aos homens. Se, após á minha morte, estas palavras forem lidas pelos homens, mesmo por aqueles que mais de perto conhecem os meus problemas intimos e os meus sofrimentos interiores, êstes mesmos não compreenderão o que vos digo.

Só vós o sabeis, meu Deus.

Os estremecimentos profundos de meu coração que tem ouvido a vossa chamada, quem os compreenderá, senão vós, sómente, meu Senhor, meu Salvador e meu Deus?

Sómente vós compreendeis as lágrimas que neste momento derramo sobre as páginas que minha pena, impelida pela comoção, vai acumulando nas laudas de papel que são a síntese convulsa do meu estado de alma.

Meu Deus, o sofrimento que tendes imposto á minha vida é a maior gloria que poderieis conceder a um pecador.

E' o sofrimento de quem reconhece a sua imperfeição. E' a amargura de quem experimenta, com plena consciencia, as chagas de sua alma e o quanto lhe falta percorrer a via crucis da regeneração integral para a santificação. E' o toque dolorido do espinho na carne, dando o alarme dum estado de miséria, que urge ser sanado pela cruz propiciatória do Redentor. As minhas lágrimas, a minha inquietude, as penas lancinantes de meu coração, na verdade, Senhor, são a maior gloria que poderieis conceder-me a mim, pecador.

Glória, porque é o principio de minha verdadeira conversão. Glória, sim, porque dêste caos espiritual em que sinto imersa a minha alma, emergirá o mundo interior, renovado de um santo. Glória, sim, porque esta dôr imensa que senti dos meus pecados, êste estado de revolta contra o mal que trago dentro de mim e que resolvi esmagar a todo o preço, revelou-me a vossa verdadeira Igreja, a única que me fornecerá brevemente todos os recursos da Graça divina, para a santificação do pecador. Não ha-de ser no secularismo, no racionalismo, no individualismo protestante, que encontrarei o descanso para a minha alma que tem sede infinita de viver em vós.

Quero encontrar-me com o meu Salvador e recebê-lo substancialmente no sacramento eucarístico: e só ha uma Igreja — a Vossa Igreja — que me poderá saciar nesta sede que tenho de Cristo.

Quero repousar a minha alma, disciplinando-a num regime espiritual completo, absoluto, infalível, onde não haja dúvidas, nem transitoriedades, nem discussões, nem incertezas, e só há uma Igreja — a vossa Igreja — que me poderá amparar na minha fraqueza humana, com a infalibilidade de sua palavra, que é a vossa própria palavra, indicando-me o preceito único, a regra única, a verdade única.

Quero submeter as minhas vaidades, o meu orgulho, o meu amor próprio, a minha animalidade, os meus impulsos carnaes, o meu homem natural, ao imperio absoluto de Cristo; quero anular a minha vontade e a minha personalidade, para que se afirme dentro de mim e na minha vida a vontade e a personalidade de Cristo.

Cancei, Senhor, de tentar fazê-lo no individualismo religioso em que vivi até agora: eis que uma só Igreja, — a vossa Igreja — apresenta-se-me como o verdadeiro Corpo Místico, da que eu serei um membro ínfimo, uma insignificante partícula, perfeitamente articulada no todo, perfeitamente harmonizada no conjunto, perfeitamente submetida aos impositivos orgânicos de sua integralidade. A autoridade infalível do soberano pontífice, através da rigorosa hierarquia do clero, tendo por fonte a promessa de Cristo a S. Pedro de ratificar no céu o que fizer a Igreja na terra, permanecendo Cristo com a Igreja até a consumação dos séculos para que ela não possa errar, é o meu grande apôio, o meu grande descanso.

Encontrarei a bem-aventurança desde a vida terrena, quando me sentir assim incorporado nesta Igreja, que é o verdadeiro Corpo Místico de Cristo.

Integrando-me no seu todo, terei de plasmar-me humildemente no lugar a que fôr incorporado. E, levarei a vida sublime do grandioso, do majestoso, do divino conjunto, anulando por completo as misérias do meu ser individual, que serão esmagadas completamente, pela potência irrepressível da vontade de Deus, atuando na coletividade humana conscientemente organizada para a actuação da Providência.

Nenhum outro ambiente fóra da única Igreja — a vossa Igreja — poderia oferecer a disciplina espiritual para o pecador que reconhece a sua incapacidade de vencer o pecado, desejando entretanto, alcançar a santidade. Por isso mesmo, uma só Igreja — a vossa Igreja — tem produzido todos os Santos da história do Cristianismo.

Como o Cervo anseia pelas aguas correntes, assim a minha alma tem sede de Deus.

Tenho sede de vós, ó meu Jesus, e hei-de saciar-me quando a vossa Igreja me puser genuflexo, diante do vosso sacrário, adorando-vos substancialmente presente na hóstia eucarística.

Tenho sede de vós, ó meu Jesus, e serei dessedentado sómente quando vos receber, — pelo misterio eucarístico, — no meu próprio corpo o vosso corpo, no meu próprio coração o vosso coração, na minha própria alma a vossa alma. Sómente nesta transfusão mística da vossa natureza divina e humana, natureza celestial, natureza de Ser Perfeito, com a minha mi-

serável natureza pecaminosa é que eu sentirei plenamente saciada a minha sede de vós.

E só a vossa Igreja se propõe, por ordem vossa, a socorrer com tal eficiência os anelos mais profundos e mais sublimes do pecador que se arrepende e que deseja salvar-se.

Abreviai, ó Jesus, os dias de amargura e de infortúnio da minha alma.

Apressai-vos, Senhor, em meu auxilio. Não me deixeis no desamparo.

Vêde o meu coração, examinai a minha alma, verificai, Senhor, quanto careço de vós.

Será possível, Senhor, que eu sofra por mais tempo tão grande desconforto. Eu, que vos reconheci, eu, que descobri o segredo do vosso santuario, eu, que já contemplei o véu sob o qual vos ocultais dos nossos olhos profanos, quando vos pondeis sobre os altares da vossa Igreja?

Que drama, Senhor, póde ser comparado a êste que vive o meu pobre coração? Que dôr estranha é esta, Senhor, que despedaça o meu ser? Será assim o Inferno? Oh! não poderá ser pior!

Se alguém lê minhas palavras, não me compreenderá, mas vós, Senhor, compreendeis.

Porque não me amparais? Porque não me auxiliais? Ajudai-me, Senhor, na minha angústia. Rompei, ó meu Deus, os milhares de laços que me prendem, que me tolhem a alma. E eu serei vosso, inteiramente vosso. Eu já odeio o mundo. Odeio a carne. Odeio a Satanás. Parece-me, Senhor, que quanto mais os odeio, tanto mais êles me escravizam.

Não por êles mesmos, mas por intermedio de mil e um fatores de ordem espiritual:

Minha noiva, a velhice, os últimos dias de vida de minha mãe, os afétos profundos de minha madrinha, a subsistencia de meu lar!

Ninguém entenderia, Senhor, os meus motivos íntimos ligados a êstes impecilhos, de ordem meramente afetivos, na apparencia, mas que eu temo, pressinto mesmo, sejam êles de ordem profundamente espiritual.

Não iria eu, em busca de confôrto para a minha alma, causar a perda irremediavel de almas fracas, e mal orientadas, aliás, por culpa exclusiva das falsas diretrizes que eu mesmo lhes inspirei, no passado, levando-as para o protestantismo!

Quem sabe, meu Deus, se o ato de minha entrega absoluta a vós, seria um mérito intercessório em favor das almas por quem me tenho desvelado?

Não o creio. Conheço-me o suficiente para reconhecer que o máximo que posso fazer, consagrar-me inteiramente a Vós, pela vida monástica, ainda seria insufficiente para tão grande preço.

Emfim, Senhor, na loucura, na alucinação dessas incertezas, eu me prostro aos vossos pés, e vos peço ardentemente que venhais em meu auxilio, que me illumineis a mente, que me aquieteis o coração e que me fortaleçais a vontade, para que eu vença nesta luta e possa emfim dessedentar-me em vós, ó Deus, por quem a minha alma suspira, assim como o Cervo pelas correntes das aguas.

CAPITULO IX

O CAMINHO DA SANTIDADE

O CAMINHO DA SANTIDADE

Diz a Imitação de Cristo: “Atualmente tem Jesus *muitos* que amam seu reino celestial, *poucos*, porém, que carregam a sua cruz.”

Já se dizia assim nos tempos ascéticos da Idade Média, em que a Igreja respirava a atmosfera pura da fé e do amor de Deus, sem o carbono venenoso do racionalismo e do materialismo que caracterizaram a idade moderna e culminam em sua ofensiva contra a Santa Igreja Católica nos tormentosos dias que vivemos.

Que diríamos hoje? Talvez o autor da Imitação, se vivesse na época atual diria: “Atualmente tem Jesus *poucos* que amam seu reino e *terá talvez ainda alguns* que carreguem a sua cruz”.

Por que?

A concupiscência sempre existiu no homem em tôdas as épocas. A mentalidade naturalista e racionalista e consequentemente materialista da filosofia dos séculos, que sucederam á Renascença e á Reforma muito contribuiu, porém, para o epicurismo alarmante, dos nossos dias, cuja consequência hoje requinta na impiedade do communismo.

Oh! como nesses ultimos séculos o homem se tem afastado da Cruz de Cristo.

Meu irmão evangelico, aprendei e guardai dentro de vosso coração uma verdade eterna: não há religião, onde não há santidade, e não ha santidade onde não houver a “loucura, a estulticia da Cruz”, de que S. Paulo fez o grande elogio, e de cujo fardo poucos se querem sobrecarregar.

Santidade não é *honestidade* apenas. Honestidade é o estado do homem que está bem com a sociedade humana, mas a Santidade é o estado do homem que está bem com Deus.

A “loucura da cruz” é incompativel com o cientifismo vaidoso do racionalismo.

A Honestidade está para a santidade como a bôa reputação está para a virtude. Em geral, pregais o evangelho da honestidade, o evangelho utilitário, o evangelho do êxito, e êste evangelho, é bem verdade, dá á sociedade e ás nações uma perfeita ilusão de sua eficiência. Não lhe contesto eficiencia illusoria de ordem económica; aí estão para prova as grandes potencias do ocidente, que ainda se diz atualmente cristão (pobre ocidente!), e o Imperio do Sol nascente, que, na argúcia de seu génio imitativo, tem utilizado por importação e adaptação todo o sistema sociologico inspirado neste falso cristianismo e neste falso evangelho racionalista dos pré-gadores emancipados e liberais.

Mas, para provar a nossa tése, o próprio immediatismo económico se desmorona, já nos nossos dias, porque é ímpio, porque é liberal, é racionalista, é naturalista, e não teve fundamentos profundos na verdadeira doutrina da Igreja, que é alicerçada nas grandes realidades eternas do espirito.

Falta na sociedade o espirito da Igreja, desde que o estado se emancipou desse espirito.

A sociedade impermeabilizou-se às influências salutares da santidade da Igreja, desde que os povos, numa revolta alucinada, inspirada pelo orgulho e pela vaidade humana, se emanciparam das diretrizes da Igreja, que eram certas, que eram infalíveis, por isso que a Igreja constituída por Cristo na terra, como o seu Reino Visível, é a verdadeira Teocracia, que os povos pagãos da antiguidade, na sua sêde da Verdade, chegaram a imaginar.

A Igreja, na sua verdadeira significação teológica, o Corpo Místico de Jesus Cristo, o Reino de Deus, a bendita comunidade de todo o povo fiel, que está edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profétas, sendo Jesus Cristo mesmo a principal pedra angular; a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, contra a qual as portas do Inferno não prevalecerão; a Verdadeira Igreja, a Igreja de Cristo na sua verdadeira concepção, excluídas, é logico, as centenas de sociedades humanas que pluralizam esta palavra que não deve ter plural, a Igreja Mística, a Igreja Santa, esta é a única entidade na terra que deveria traçar normas sociais para os povos, porque as suas normas seriam as do próprio Deus, as do próprio Cristo, que prometeu estar com o seu povo, como seu cabeça, sacerdote e profeta até o fim dos séculos.

E agora, meu irmão protestante, uma vez que é principio pacífico entre nós, que a finalidade suprema da Igreja é fazer santos — como está escrito: — “sêde santos porque Eu sou Santo” — e estabelecido que o racionalismo do livre-exame proclamado pela Reforma entregou o destino de cada homem às contingências e falácias da razão individual do cren-te, emancipando-o da obediência devida a autoridade da Igre-

ja, autenticada por Cristo que ratifica no céu o que a Igreja legisla na terra, isto porque o próprio Cristo prometeu — e o tem cumprido — estar com a Igreja até o fim dos séculos; só poderemos chegar á conclusão de que o caminho do crente para alcançar a santidade é viver enxertado á Igreja, cuja autoridade vem de Deus, e portanto deixar o protestantismo para submeter-se á Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

Estou já a ouvir a saraivada de vossas objeções.

A primeira — resultante do falso conceito que tendes de santidade. Dir-me-eis então: *Eu já sou santo porque Cristo me lavou os peccados no Sangue do Calvário.*

Ser santo é não pecar. A vossa proposição não passará de palavras vãs, inverdadeiras, se no íntimo do vosso coração não puderdes verificar que não peçais, que não renunciastes completamente o peccado em tôdas as suas formas.

Direis ainda: *se eu não sou santo, muito menos serão os católicos, cuja vida reprovável todos reconhecem.*

Todos não. Só os maldizentes, os que formam juízos temerários contra o próximo. Nem todos os que se dizem católicos o são de verdade, mas existem em grande número homens santos, que aguardam apenas a hora em que Deus se sirva de chamá-los para a sua glória, e, em número ainda maior, homens que vivem em estado de Graça, em pleno caminho para a santidade. Verificai esta verdade, visitando mosteiros, conventos e casas de caridade, onde encontrareis perfeitos viveiros de santidade. Procurai conhecer o rigor das Regras das diversas ordens religiosas, lembrando-vos de que milhares de homens e mulheres renunciam a todos os prazeres da terra, para se submeterem voluntariamente á autoridade absoluta

dos regimes monásticos. Meu irmão protestante, não pequeis contra o Espírito Santo, generalizando temerariamente juízos que formastes de um ou outro máu sacerdote ou falso católico.

Examinai, com esclarecida consciência, com isenção de ânimo, e verificareis com entusiasmo, como aconteceu comigo, o que significa ser santo, pertencer a Cristo, viver para Deus e alcançar o Céu desde a vida terrena.

Que nos importa existir no seio da Igreja homens perversos, hipócritas e mundanos, se nós sabemos que êles, por sua impiedade automaticamente não pertencem á Igreja Invisível, ainda que tenham indebitamente invadido os arraiais da Igreja Visível? Quem os julgará é Deus. A Igreja tolera os homens com tôdas as suas imperfeições e fraquezas, até onde não sejam compromettidos seriamente os supremos interesses de sua causa, porque a Igreja existe principalmente para abrigar os homens pecadores e não sómente para os anjos sem mácula. Os beneficios divinos da Igreja são aspergidos indistintamente sobre os bons e máus, assim como os orvalhos caem do céu á terra, pela vontade de Deus, sobre os justos e os injustos.

Nisto, precisamente, se evidencia a Missão divina que tem a Igreja para com os homens e a sociedade em geral: é a escalada infalível e única da santidade que conduz a Deus, posta ao alcance de tôdas as capacidades espirituais de todos os homens.

Continuareis contudo a argumentar: *Com que razão affirmaste que a Reforma emancipou o crente de obediência devida á autoridade autenticada por Cristo? Justamente o quê o protestantismo contesta é que esta autoridade da Igreja Romana tenha sido autenticada por Cristo.*

Como aí está a maior loucura do protestantismo, declaro-vos, meu caro irmão, ser êste o ponto mais fácil de demonstrarmos a razão da Igreja Católica, ao mesmo tempo que é o ponto mais difficil de ser comprehendido pelo protestante.

E' tão facil a um homem são provar que um louco está fóra do juízo equilibrado, quanto é difficil ao louco reconhecer a razão de quem procurasse demonstrar a sua loucura.

Se não estais, porém, fanatizado no vosso protestantismo, não estareis também dominado pela loucura que constituiu a insubmissão dos reformadores e seus adeptos para com o Chefe da Igreja.

Na esperança de que estais em condições de raciocinar serenamente, sem paixão partidária, sem preconceitos, iniciemos com seriedade o exame da questão:

A Reforma proclamou única regra de fé, unica autoridade infalível, a Bíblia, repudiando a autoridade da Igreja e a autoridade das tradições.

Isto, baseado no seguinte raciocinio: só Deus é Infalivel, logo só a Biblia, que é a Palavra de Deus, pôde estabelecer regra infalivel de fé e de vida cristãs.

A Igreja porém ensinou e ensina assim:

Só Deus é Infalivel,, portanto só o que se inspira em Deus pôde gozar da infalibilidade divina.

Confrontando êstes dois raciocínios facilmente se conclue ser o 2º verdadeiro e o 1º falso, por carecer de uma segunda premissa, em que se afirme ser a Biblia o único meio da revelação divina, o que não é verdade.

O 1º meio da revelação divina, anterior á Biblia, foram "os homens santos, inspirados pelo Espírito Santo", que, con-

forme diz um catecismo calvinista, foram os autores dos livros do Velho e do Novo Testamentos.

E êsses “homens santos, inspirados pelo Espírito Santo” foram nada mais e nada menos do que representantes da Igreja e de Deus, pois todos êles foram Filhos da Igreja, na Velha ou Nova dispensação. Em última análise, a palavra escrita dêsses homens inspirados por Deus é a propria palavra infalível da Igreja mesma, de que foram legítimos representantes.

O 2.º meio da revelação divina, ainda anterior á Biblia, como a temos hoje, foi mais uma vez a Igreja, que desde a origem de alguns dos livros sagrados e durante os primeiros séculos do Cristianismo foi, por sua exclusiva autoridade divina, autenticando os proprios livros biblicos, cujo canon, geralmente aceito pelos protestantes, foi fixado pelo mesmo Concilio de Trento que excommungou o protestantismo.

Outro meio da revelação divina, também anterior á Biblica, foi a tradição da qual as próprias escrituras na maior parte dos casos não são mais do que um registro escrito, como certamente no caso da história do Gênesis e quiçá de toda a parte histórica dos livros sagrados, pois os autores do Pentateuco não poderiam ter sido contemporaneos da formação do Cosmos ou da era de Adão.

Quem nega a autoridade infalível da Igreja, nega também a idoneidade desta para estabelecer o sistema perfeito de fé e moral cristãs baseado nas Escrituras. E quem nega esta idoneidade á Igreja de Cristo nega o próprio valor ás Escrituras, que passarão a ser revelações ininteligíveis, geradoras da confusão em que vivem as centenas de seitas que professam a descrença na Santa Igreja Catolica.

A realidade protestante é a própria negação do protestantismo, pois êle se baseia no canon das escrituras, cuja autoridade foi decretada pela Igreja, e nega a autoridade dessa mesma Igreja que em última análise é a autora e autenticadora dos livros em que os protestantes se baseiam, como sua regra única e infalível de fé e prática.

Reconhecem portanto ser a Igreja a autora e autenticadora dos livros sagrados. Negaram porém a esse mesma Igreja a autoridade de interpretar os referidos livros, criando depois um número infinito de igrejinhas, que se contradizem e se excomungam, cada uma das quais com o direito de interpretar a Bíblia Católica ao sabor das tendências de sua respectiva teodicea.

O resultado dêste sistema negativista é o extremo de heresia em que se teem desmandado grande número de seitas, que se tornaram verdadeiros sistemas agnósticos, que negam até a infalibilidade da própria Bíblia!

O desenvolvimento lógico do protestantismo é o agnosticismo, a descença, o ceticismo, a impiedade, tanto quanto o catolicismo é o caminho da fé, do fervor e da santidade.

Negar a Igreja é negar o seu próprio autor e vivificador que é Jesus Cristo. E' descrer da promessa que Jesus deu aos seus apóstolos, de ficar com eles e assisti-los na pessoa de seus sucessores até á consumação dos séculos.

Para se possuir na terra o Reino de Deus, que é a Santa Igreja, precisamos ser pobres de espírito, isto é, humildes no reconhecimento da incapacidade humana para discernir as cousas espirituais, confiando exclusivamente no Espírito Santo, no Espírito de Deus, no Espírito de Sabedoria, sem o

qual em lugar da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, existiriam centenas de seitas humanas, cheias de orgulho e de vaidades, ricas de espirito, arrogantes na sua suposta capacidade racional de conhecer a Verdade segundo o principio do Livre Exame.

O caminho da Santidade é a loucura da cruz, que só alcançam os pobres de espirito.

O caminho da santidade, que é a única finalidade da Igreja, é o anti-racionalismo, é a humildade da fé em Deus revelado na história do seu povo, na história da sua Santa Igreja, revelado pela Igreja mesma.

Muitos, como diz a Imitação de Cristo, muitos há que amam o Reino de Jesus. Os esplendores do Reino de suas promessas.

Muitos querem, ambicionam mesmo, a felicidade que Jesus promete, mas poucos, bem poucos são os que carregam a sua Cruz.

Muito poucos realmente, são os que toleram a estultícia da Cruz, a loucura da fé, a humildade da crença.

Obedecei á Igreja Santa, á Igreja Sábia, á Igreja Infalível, e alcançareis o Caminho, a Verdade e a Vida, e encontrareis Jesus Cristo e conquistareis o seu Reino de Santidade.

CAPITULO X

“CRISTO CRUCIFICADO”

CHAPTER 2

"CHRISTIAN CRUCIATION"

“CRISTO CRUCIFICADO”

Divagações espirituais que escrevi em meu diário em certa noite, no mês de Dezembro de 1936, após contemplar, com o terço nas mãos, durante quasi duas horas, a imagem do crucificado.

Há talvez aí algumas orações ininteligíveis, ou talvez pouco expressivas por pobreza de vocábulos do que na ocasião eu quizera dizer; o que se explica talvez pela mística do momento em que escrevi.

...*“resolvi não saber coisa alguma... senão Jesus Cristo, e êste crucificado.”*

Meu Salvador, meu Redentor, quando vos contemplo pendente do madeiro,, parece que sinto na minha alma a plenitude do vosso amor!

Ali estais morto, já com o lado traspassado pela lança.

Viestes, ó meu divino Mestre, viestes mais para morrer do que para viver entre os homens.

Ensinaí-me, ó meu Jesus, a morrer. Quero viver para a morte!

Para mim, Jesus, a vida natural, a vida no corpo é o pecado permanente. Livrai-me, Jesus, dêste pecado. Exercitai-me para que eu saiba vencê-lo. Se não, depois do pecado da vida, permanecerei eternamente no pecado da morte!

Meu Deus, quero viver em vós, plenamente em vós. Só estarei plenamente em vós quando sentir que não mais seria

possível afastar-me de vós. O' Jesus, preparai-me para morrer. Vós soubestes morrer.

Morrestes diáriamente em vida, para viverdes eternamente na morte. E' isto precisamente, ó mestre amantíssimo, o que eu quero aprender convosco. Vou morrer hoje. O jejum é um modo de morrer, é a renúncia de um elemento da vida natural. O cilício é também outro símbolo da morte, sendo a sufocação do prazer natural. A verdadeira meditação, a adoração de Jesus Sacramentado, o silêncio, o insulamento, também podem ser a minha morte diária. Nos momentos em que os pratico, sinto que me desprendo da minha natureza animal.

Jesus Crucificado, eu vos tenho sempre presente na imagem que venero. Vós sois a minha maior inspiração espiritual: quando vos contemplo é quando mais anseio por ser santo.

Razão teve o apóstolo quando exclamou: "onde está, ó morte, a tua vitória!" Jesus conhecia os teus mistérios, e não só os conhecia, como os deu a conhecer aos seus filhos. Hoje, é morte, não és mais a nossa soberana, não mais te tememos, pelo contrário, te trazemos cada dia á nossa presença, e te sujeitamos á nossa vontade, pela força que nos concede o nosso único soberano, Nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus bendito por todos os séculos.

Meu Senhor crucificado, meu Senhor morto, sois o meu mais perfeito modelo de vida. Não conheceria toda a vossa vida na terra, pois os evangelhos não ma revelaram, se não fôra a vossa morte na Cruz. O crucifixo é o meu evangelho completo. Os tempos desconhecidos da vossa adolescência e da vossa mocidade na vida terrena estão subentendidos, estão re-

velados na tua crucificação. Vencestes sempre, ó meu Jesus, a vida natural, morrendo a todo o momento. Por quarenta dias e quarenta noites despresastes o alimento e de certo também o sono. Passastes morto quarenta dias e quarenta noites, no deserto, como um símbolo de tôda a vossa verdadeira vida na terra, que foram apenas os quarenta dias que mediarão entre a vossa ressurreição e ascensão.

Viver no espírito é morrer na carne. Porque a carne combate contra o espírito. Só vence um destes adversários quando o outro tomba.

A morte do ímpio é a vitória da matéria sobre o espírito, mas a morte do santo é a vitória da eternidade, do espiritual, — é a vitória de Deus.

Meu Senhor Crucificado, quero pertencer-vos em todos os momentos de minha vida. Ajudai-me a vencer a vaidade da carne. Ajudai-me a desprezar a vaidade do mundo. Ajudai-me a imitar-vos na vossa morte dos quarenta dias no deserto, em que derrotastes a Satanás.

Meu Salvador, meu Redentor, quando vos contemplo, pendente do madeiro, parece que sinto na minha alma a plenitude do vosso amor!

CAPITULO XI

SINCERO... E BRASILEIRO

SINCERO... E BRASILEIRO

Esta carta que vos dirijo tão repleta de profunda afeição, meu amado irmão protestante, é um testemunho vivo, evidente, indubitável, da certeza que tenho da vossa sinceridade.

Naturalmente. Se emprego o meu tempo, na composição dessas linhas, é porque reconheço a vossa sinceridade, e me certifiquei do lamentavel engano em que vos achais, engano que eu mesmo por muito tempo pratiquei, hostilizando a Única e Santa Igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Atentai, meu irmão, para o que vos vou dizer.

Sois sincero e brasileiro, dois qualificativos pelos quais dou por bem empregadas as palavras que vos dirijo.

Tende também, por bem empregado, o tempo que dedicardes a lêr esta carta, e meditar desapassionadamente sobre o seu conteúdo, porque êste que vos escreve, como vós o sois, é profundamente sincero, e integralmente brasileiro.

Estes são os dois liames que nos unem, estas são duas afinidades que nos irmanam, afóra o centro de interesse que a nós ambos também é comum — a santificação da nossa alma, e o soerguimento espiritual da nossa Pátria.

Credeis que possa haver santificação num sistema religioso individualista, pelo qual se dá a cada pecador a faculdade de ser o legislador religioso de si mesmo, pelo livre exame da revelação divina da Biblia?

Crêdes que possa haver santificação no regime espiritual, em que o proprio pecador se supõe o juiz de seus atos, pretencamente iluminado pela legislação que êle mesmo formula para si, em consequência da livre interpretação dos códigos sagrados das Escrituras?

A tendência humana é acomodar a interpretação das leis de qualquer natureza aos seus interesses individuais e ás suas inclinações pessoais. Por isso existe a magistratura judiciária, que estabelece o critério official, irremovível, para interpretação da lei.

Pois bem. O protestantismo proclamou a faculdade de cada individuo interpretar ao seu próprio criterio a Divina Revelação dada por Deus nas Sagradas Escrituras á sua Santa Igreja, isso em detrimento da autoridade da Igreja, que, sendo a depositária dos Oraculos de Deus, foi ao mesmo tempo comissionada por Nosso Senhor Jesus Cristo para pregar e, consequentemente, interpretar essa Revelação.

“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espirito Santo, ensinando-as a observar tudo o que vos tenho ordenado, e eu estarei comvosco...” disse Jesus a seus apóstolos; e, para tornar extensiva esta autoridade a seus sucessores, acrescenta “... até a consumação dos séculos.”

Meu irmão, meditai bem, com serenidade, com isenção de ânimo, meditai profundamente no êrro fundamental do protestantismo — o livre exame da Biblia — principio gerador da anarquia espiritual, principio estimulante do orgulho humano. Autoriza-se cada homem, desde os mais ignorantes até os meio-letrados, e estes ultimos são os mais perigosos por sua

vaidade e arrogância) a fazer para si a sua propria religião, a estabelecer sob o seu ponto de vista o critério de um Deus que deixa de ser o que é, para ser o que cada homem quer que Ele seja.

E' do proprio Deus este conceito da Divindade: "Eu sou o que sou". A Verdade é uma só. A Verdade é absoluta, porque é a essência de Deus. Mas o protestantismo crê em múltiplas e diferentes "verdades". O protestantismo criou a Divindade confusionista, feita á imagem e semelhança de cada um de seus adeptos. O protestantismo está errado, portanto, desde a sua base, desde a sua essência.

O Livre Exame é o êrro fundamental, o pecado original do protestantismo.

Se tiverdes isenção de animo e fizerdes um confronto desapassionado entre a Igreja Católica e o Protestantismo, começando este confronto desde os principios fundamentais desses dois sistêmas em que se dividiu o povo cristão no começo da idade moderna, sem duvida alguma chegareis á conclusão de que a verdade ficou intacta com a Igreja Católica e o Protestantismo não foi mais do que o desvio de grande parte dos homens da Verdade, que é eterna e imutavel, porque é divina.

E' principio fundamental da Igreja Católica — a fé precede á razão no método da ciência sagrada, porque a fé é a faculdade que Deus concedeu aos homens de conhecer as realidades sobrenaturais, que constituem a provincia da Religião, tanto quando a razão é a faculdade de conhecer as realidades do mundo natural.

O mundo sobrenatural só nos é acessivel pela Revelação Divina, porque sendo sobrenatural, transcende aos recursos

naturais da razão humana, motivo pelo qual dotou Deus o homem de uma faculdade também sobrenatural, a fé, que correspondesse ao objeto de seus conhecimentos acêrca do sobrenatural, que pertencem á esfera da Religião.

Deus se revelou por intermédio da sua Santa Igreja, de um modo providencial, em primeiro lugar preservando intangível a tradição oral conservada e transmitida através de inúmeras gerações de homens santos, os filhos de Deus, que viêram desde os nossos primeiros páis pela linhagem de Seth, Henoc e Noé, Abraão, Arão e Moysés, David e os profétas, até a Jesus, cujos apóstolos e santos trouxeram até nós, como em custodia sagrada, os tesouros imponderáveis da sabedoria de Deus.

Essas tradições em muitos casos foram escritas desde os tempos de Moisés até a éra dos apóstolos, e constituíram os códigos divinos das Sagradas Escrituras.

A Biblia pois, em grande parte, não é mais do que o registro escrito de tradições orais que atravessaram séculos, como é evidente no caso do Livro do Gênesis em sua totalidade, e de numerosas outras passagens de quási todos os livros sagrados, até mesmo dos Evangelhos e Epístolas.

Ora, só se póde aceitar a Revelação pela Fé, e especialmente pela Fé na Providência de Deus pela instrumentalidade dos homens santos, que constituíram, através de todos os séculos, a Igreja de Deus na Velha e na Nova Dispensação.

De onde provêm a necessidade de se aceitar a autoridade divina da Igreja como instrumento da Revelação Divina. Se a Igreja teve a autoridade que Deus providencialmente lhe concedeu de guardar a tradição oral, escrever os Livros Sagrados e autenticá-los pela fixação do Canon da

Bíblia, Canon aceito pelo próprio protestantismo, quanto maior autoridade não se lhe deve reconhecer, logicamente, para interpretar essa mesma Revelação, essa mesma Bíblia, de que foi pela providencia de Deus a propria autora e depositaria? Se a Providência não falhou no inspirar os Patriarcas, Profetas e Apóstolos da Igreja de Deus, para que guardassem as tradições e escrevessem os livros sagrados; se a Providencia foi eficaz em iluminar os Doutores da Igreja e os seus Concilios para que se estabelecesse o Canon das Escrituras e se reconhecessem os Livros Apócrifos; seria aceitavel que justamente na Nova Dispensação, na Igreja de Jesus Cristo, viesse a Providencia a falhar negando sabedoria, discernimento e autoridade aos seus Concilios, para realizar obra de muito menor vulto que é firmar as doutrinas e dogmas resultantes da interpretação das tradições e das Escrituras?

Pois é essa autoridade da Igreja Apostólica, da Igreja Católica, da Igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo que tem atravessado os vinte séculos da era cristã, a despeito de todas as investidas do racionalismo, do cientifismo, do materialismo, é precisamente essa autoridade da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, cujo chefe supremo fixou sua séde na Roma Eterna, que o Protestantismo não reconhece, para reconhecer a cada indivíduo por ignorante e inexperiente que seja, a autoridade de interpretar, como entender melhor, os Livros Sagrados, os Oráculos de Deus. Eis o absurdo do Livre Exame da Bíblia, princípio fundamental do Protestantismo — libertou-se o homem da autoridade da Sabedoria, para se escravizar á vaidade e á cegueira de sua propria ignorância. O resultado dessa loucura não tardou reve-

lar-se: já nos dias de Lutero o Protestantismo subdividiu-se em tantas seitas antagônicas e irreconciliáveis, que arrastou o próprio reformador ás lutas fanáticas que caracterizaram a história do Protestantismo.

E atualmente a confusão nos arraiais protestantes é tal que já não se pôde contar o numero cada vez maior de seitas em que se teem desagregado os adeptos do Livre Exame. Seitas irreconciliáveis, que se odeiam e se accusam umas ás outras de herejes.

A não ser umas cinco ou seis denominações diferentes, que conseguem á custa de muita diplomacia se confederarem aqui ou alhures, sómente para fins de representações coletivas e cooperação economica, pouco visando, porém, unificação espiriitual e doutrinária, tôdas as demais centenas de seitas continuam a excomungar e a serem excomungadas, a acusar e a serem acusadas de grosseiras heresias.

A Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, a Igreja dos Santos, dos Monges Sabios, dos Doutores Angelicos, esta se conserva Una, Indivisivel, Imensa, como um milagre vivo da historia da Cultura humana, milagre permanente da Providencia, agindo entre os homens.

Apelo, pois, para a sinceridade de vossas convicções religiosas, meu amado irmão, para que estabeleçais o confronto, que vos apresento nas linhas acima, entre o princípio racional e bemfazejo da autoridade divina da Santa Igreja para estabelecer, definir e ensinar a seus filhos a Verdade contida na Revelação, princípio católico — e o absurdo do liberalismo protestante, que reconhece a cada individuo a autoridade de examinar a Biblia, estabelecendo e definindo para si a doutrina que quizer ou que lhe pareça acertada, regeitando tudo o

que lhe não convier ou que lhe pareça, na superficialidade de seus estudos bíblicos, errôneo ou irracional! O protestantismo néga á Igreja Católica a autoridade de interpretar a Revelação divina, apesar de todo o seu passado duas vezes milenar, de toda a sua cultura, de todos os seus santos, de todos os seus mosteiros, que nada mais fazem desde os mais remotos tempos da Idade Média senão estudar as ciências humanas e divinas. Reconhece, entretanto, esta mesma autoridade a qualquer individuo que se faça leitor dos Livros Sagrados. Na melhor das hipóteses a Bíblia tornou-se para cada protestante sincero um simples código de moral, um originalissimo sistema ético individualista e liberal, que colocou cada individuo como legislador e juiz de si mesmo. Considerada como Revelação Divina, como fonte da Teologia, a Bíblia se tornou nas mãos das massas ignorantes a geradora dos sectarismos estreitos e fanáticos, a inspiradora da mais irritante intolerancia de centenas de pequenos papas, todos se julgando infalíveis, todos pretensamente arvorados em únicos guardiães da Verdade, a excomungarem de suas seitas os que não se submeterem integralmente a todos os itens de seus "Catecismos" e "Confissões de Fé". Esta situação mental do Protestantismo resultou na mais assustadora instabilidade doutrinaria das centenas de Igrejinhas através dos anos,, advindo daí o descrédito de todos os sistemas doutrinários e a consequente atmosfera de descrença e ceticismo, para onde teem descambado lamentavelmente as últimas gerações.

A tolerância doutrinária em que se dissolveu ultimamente o zêlo teologico de cada uma das seitas, sob cuja jurisdição já agora cada individuo sustenta seus pontos de vista doutrinários pessoais, tornou o protestantismo afinal, tão incolor, tão

impreciso em seus sistemas confessionais, tão pobre em suas afirmações teológicas, que êle para subsistir como organização humana, com alguma finalidade de ação, conservou a sua última e única bandeira, seu último e único ideal — combater por todos os meios a Igreja Católica. Bandeira e ideal negativista e infeliz!

Meu irmão protestante, se sois sincero, se não estais fanatizado, confessa lealmente comigo: está errado. Erradíssimo.

Livre-Exame. Método de desagregação cultural. Anarquia. Negativismo. Descrença. Materialismo. Ateismo.

Sois, sim, sincero. Se não confessais o gravíssimo erro do Protestantismo é por falta de meditação sobre o assunto. E' por paixão partidaria, que gera a cegueira espiritual.

Lêde outra vez as razões claras e tão simples dêste capítulo de nossa carta. Refletí serenamente: Sois sincero. Dar-me-eis razão.

Além de sincero, amado irmão protestante, sois brasileiro, tão brasileiro quanto eu, tão brasileiro quanto os que melhor o sejam.

Sabeis que a estabilidade das Nações reside no culto de seus antepassados, de seus heróis, de suas tradições, de sua história?

Sabeis que a mística das Pátrias provém dos fatores espirituais mais profundos de sua formação?

Sabeis que o judeu sem Pátria, o judeu internacional, inteligentemente vem minando os alicerces das nações cristãs, promovendo a dissolução do patriotismo pelo processo de im-panar e desmerecer as glórias das tradições históricas de ca-

da povo? Sabeis que o judaismo e a maçonaria teem influído poderosamente para que cada povo, especialmente o brasileiro, desconheça os valores reais de seus verdadeiros heróis, de seus mais legítimos bemfeitores, para consagrar valores fictícios e falsos, que no fundo desfiguram e desmerecem as tradições cristãs de cada Pátria cristã, isto por um processo confusionista de divulgações de inverdades históricas a respeito dos homens e dos fatos?

Ide ás fontes mais insuspeitas e mais fidedignas da História do Brasil e vereis que tôdas as excelencias de nossa formação espiritual devemos á Igreja Católica, tôdas as nossas conquistas gloriosas de povo civilizado, no sentido mais profundo do conceito de civilização cristã, devemos principalmente aos jesuitas e depois aos demais colaboradores da obra da catequese e instrução da Igreja Católica, entre as populações brasileiras. Tôda a beleza de nossas tradições nacionais está intimamente vinculada á Igreja Católica, á Igreja de nossos antepassados, á Igreja do Brasil.

A nossa arte, no que ela tem de mais permanente, de imortal, está saturada do génio do catolicismo.

Não há nada mais aberrante da mentalidade brasileira do que a mentalidade yankee. Não há costumes que mais desvirtuem os nossos costumes do que os norte-americanos. Não ha influência mais perniciosa á nossa brasilidade do que a influência da terra dos *arranha-céus* e dos *gangsters*. Pois bem, meus amantíssimos patricios que professais o protestantismo, essa religião de negação, essa religião anti-estética, essa religião fria, sem espiritualidade, sem sentimento que é o protestantismo, nos tem sido impingida, nos tem sido imposta com tôda a tru-

culência de seu exoticismo inadotável pelos intoleráveis e indesejáveis missionários norte-americanos.

Com que superioridade êsses senhores aportam ás nossas plagas ingenuamente hospitaleiras, para virem aqui nos pregar pacifismo, desarmamentismo e anti-alcoolismo! Fixam residência em palacetes, nas melhores capitais e cidades do país, bem servidos de limousines e contas correntes nas agências do City Bank, contratam ingênuos "convertidos" ao seu "evangelho" de desmoralização da Igreja Católica. Estes são os que êles enviam aos rincões mais inóspitos do país. De cinco em cinco anos vão passar um ano de férias nos Estados Unidos, onde fazem suas peregrinações de propaganda do "Campo Missionario" de que se dizem recém-chegados, expondo ao público da Norte-América vistas do Rio de Janeiro (as favelas) e do interior (ranchos miseráveis de caboclos e toldos de índios de que êles só teem noticia através dos mostruários e estampas do Museu Nacional do Rio de Janeiro).

Si ficasse só aí o mal das missões protestantes eu não me revoltaria tanto. O mal, porém, é muito mais profundo.

Estes insolentes missionários teem conseguido por meio de seus púlpitos ultra-mediocres e principalmente de seus bem montados estabelecimentos de ensino desnacionalizar milhares de incautos brasileiros que lhes seguem as pégadas. Vai enraizando-se cada vez mais nos meios protestantes, enraizando-se e generalizando-se, uma tal admiração, um tal basbaque pelas grandezas e "superioridades" norte-americanas, que o Brasil passa a figurar aos olhos dos adeptos de tais missionários, como um país grosseiro, atrasado, inculto, desprezível, inferior. Povo de idolatras. Povo supersticioso.

povo ignorante. Com um passado vergonhoso de beatério e clericalismo na politica e na sociedade.

Deforma-se completamente a visão do verdadeiro Brasil. Tudo o que na nossa História é gloria, é motivo de orgulho nacional, é penhor de nossa superioridade espiritual, transforma-se em valores negativos para o protestante ortodoxo.

E' incrível que uma tal situação já não tenha dado na vista dos nossos estadistas! Permite-se impunemente a disseminação desses males profundamente deletérios aos supremos interesses da nacionalidade.

Meu irmão protestante que sois meu patrício, não vos fêre o amor próprio de brasileiro a posição em que inconscientemente vos collocastes sob a tutela espiritual diréta ou indiréta dêsses intrusos, que abusam de nossa simplicidade de povo criança para entrarem em nossa Pátria com ares de iluminados, para arrazar truculentamente tôdas as delicadezas e tôda a espiritualidade de nossas tradições nacionais íntimamente vinculada á Cruz de José de Anchieta, aos heróis católicos que plantaram a primeira semente de brasilidade nos campos dos Guararapes contra os piratas protestantes da Holanda?

O protestantismo foi sempre e ainda é, nesta terra de Santa Cruz, uma invasão estrangeira, com intuitos mercenários, da parte da maioria dos que aqui veem e com intuitos imperialistas, judaicos ou *yankees* da parte de muitos dos que nó-los enviam.

O puro brasileirismo, o puro nacionalismo, só poderão, sentir e praticar com tôda a efusão, com tôda a mystica, com tôda a profundidade, os brasileiros que forem ou se tornarem católicos, ou mesmo os que, não o sendo, também não se deem á ingrata tarefa de combater

a Religião Nacional, a Religião Santíssima que formou a alma do Brasil e que garantiu a Unidade Providencial desta Grande Nação que se está consolidando na terra de Santa Cruz.

Protestante brasileiro, se não me compreenderdes neste apêlo, maior prova me dareis de que o Protestantismo é a maior força desnacionalizadora e desagregadora do meu amado Brasil.

Sereis neste caso a prova concrêta, ilustrativa, insofismável de minha tése, porque sereis um daqueles que, graças ao protestantismo *yankee* já não conhecem, já não sentem e já não amam o Brasil.

Podereis então continuar fazendo parte daquela facção de brasileiros, adeptos dos missionários norte-americanos, que se dizem “socialistas avançados”, que pugnam pelo laicismo do Estado e odeiam o Integralismo!

Mas não.

Sois sincero, eu o creio, *e ainda sois brasileiro!*

CAPITULO XII

FÓRA DA IGREJA

E

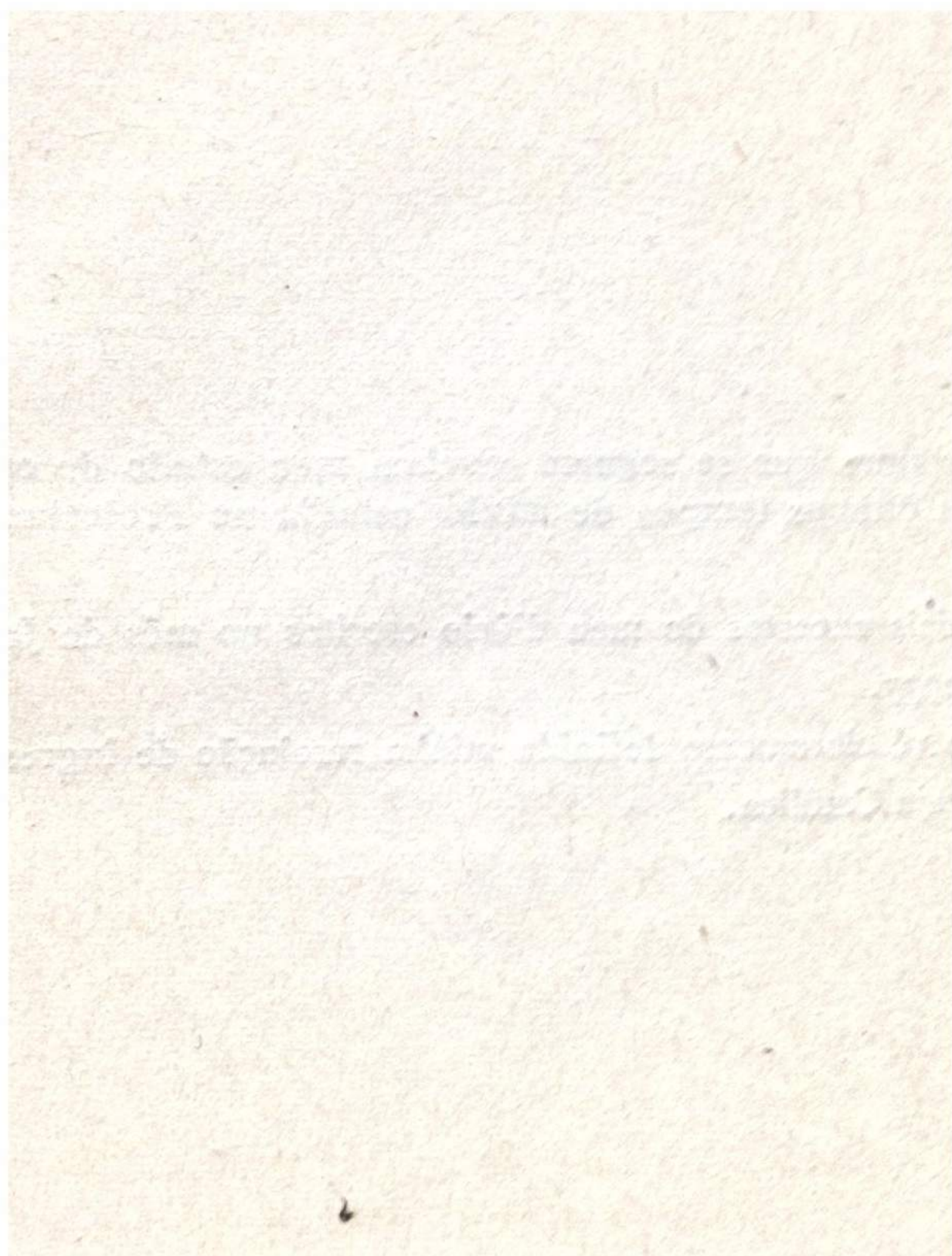
CAPITULO XIII

CANTO DE VITÓRIA

As páginas que se seguem revelam meu estado de espírito nos últimos tempos de minha estadia no Protestantismo.

São dois excertos do meu diário escritos no mês de Janeiro de 1937.

Aí se vê claramente definida minha resolução de ingressar na Igreja Católica.



FO'RA DA IGREJA

Jesus crucificado:

Estou muito longe da santificação. E todo o meu sofrimento interior decorre da consciência de meu estado espiritual.

No processo espiritual da santificação só tenho alcançado a primeira etapa rudimentar — o desejo de ser santo.

Como é imensa a distância que me separa do estado de santidade!

Falta-me ser pobre de espírito. Falta-me maior fome e sede de justiça. Falta-me muito mais pureza de coração. Falta-me sofrer perseguições e injúrias por amor da justiça.

O' Jesus Crucificado, não possuo ainda nenhum desses preciosos elementos de vossa Graça.

Ser pobre de espírito, reconhecer tôda a minha ignorância, tôda a maldade inerente ao meu sêr, é o que desejava conseguir para anular-me completamente deante de vós.

Quem sou eu, Senhor?

Fazei que resplandeça aos meus olhos a personalidade luminosa de qualquer dos vossos santos, para que eu reconheça com precisão a miséria de minha imperfeição, a ignomínia do meu pecado.

Confundi, Senhor, a minha pouca inteligência, para que eu verifique a nulidade de minha pobre razão, a pequenez de

meus raciocínios viciosos ante a infinitude da Verdade Eterna, a Verdade U'nica, a Verdade Infinita.

Ensinaí-me a despir-me de tôda a vaidade intelectual, dêsse intellectualismo pretencioso e orgulhoso, que faz do ignorante um pretenço e ridículo sábio, desprezador arrogante dos ensinamentos infalíveis da vossa Igreja .

Nesta vigília sagrada, Senhor, em que vejo desfilar em num cortejo incessante as horas silenciosas da noite, eu vos ofereço êstes momentos insones, para me prostrar a vossos pés, no êxtase de minha mais profunda devoção.

Eu sinto, Jesus, que a minha alma foi feita para as decisões mais extremas. Se eu deixar de me erguer aos páraos supremos em que habitáis, na região dos vossos santos e anjos, resvalarei para os abismos tenebrosos das eternas geenas. Por isso não me afastarei de vós. Ache gar-me-ei cada vez mais ao vosso regaço paternal.

Abrigar-me-ei sob a proteção suave e meiga de vossa Mãe Santíssima, para gozar dos influxos santificantes que emanam em torrentes de luz das mãos santíssimas e dadivosas da Senhora das Graças.

Afastai para longe de mim, ó bemdito Redentor, o magnetismo escravizante de Satanás e de seus anjos.

Amortecei a concupicência de minha carne fraca, do meu homem natural.

Dominai-me, Senhor.

O' Jesus Sacramentado, com que ansia eu aguardo o dia mil vezes feliz e que não está longe, quando descereis ao meu amargurado coração.

Quando eu sair dêste deserto árido do protestantismo frio e humano, quando eu substituir a sociedade dos homens pela vossa Igreja, então Senhor, eu terei a plenitude da vida, porque viverei em vós e vós em mim.

Diariamente, Senhor, eu vos visitarei no sacrário eucarístico. Vós me sereis quasi visível, quando eu adorar a Hostia em que vos ocultaes.

Que falta me tendes feito, ó meu amantíssimo Mestre. Que ânsia por vós sente a minha alma, ó meu amantíssimo Redentor.

Vinde em meu auxílio, pois longe estou da santidade. O bem que eu desejo não faço, mas pratico o mal que odeio.

Tudo cessará, meu Salvador, quando eu voltar a Vossa Igreja.

Santa Igreja Católica, Igreja dos Santos, dos Mártires, dos Sacerdotes, dos Confessores. Igreja do Papa, das ordens de São Bento, de S. Domingos, de S. Francisco de Assis, de Sto. Ignacio de Loiola, de S. João Bosco e de tantos outros homens que viveram para Deus.

Igreja de Maria Santissima, de Nossa Senhora das Graças.

Serás brevemente a minha Igreja, em que encontrarei a minha salvação, o meu refúgio, a minha alegria, a minha santificação.

Na vossa Igreja encontrarei tudo, Senhor.

Lá, se eu viver em vós e para vós, não mais hei de pecar.

Ajudai-me, Jesus Crucificado, ajudai-me a sofrer por amor de vós. Ajudai-me a encontrar em vós a minha santificação, o desprêso do mundo e da carne.

Ajudai-me, Jesus, a ser mais um motivo de vossa glória,
do vosso triunfo na terra, do vosso Reino, do vosso Império.

Faça-se em mim, Senhor, a vossa vontade aqui na Terra
como no Céu. Amen.

CANTO DE VITORIA!

Quem poderá interferir nas razões profundas de minha resolução de ir ao encontro de Deus?

Que forças contrárias poderão interceptar meus passos no rumo da vocação do Céu?

Não são as razões intelectuais que me induziram a firmar essa resolução.

Nem mesmo os motivos de ordem moral. Tão pouco os de caráter sentimental.

Tudo isso em mim se conjugou em harmonia com a atração da santidade e a vocação de Deus.

Repito, pois, com ênfase, com energia dominante o meu desafio:

Quem poderá interferir nas razões profundas de minha resolução de ir ao encontro de Deus?

Que forças contrárias poderão interceptar meus passos no rumo da vocação de Deus?

Nesse desideratum, ó mistério da Graça Divina, sinto que a minha própria fraqueza se transmuta em força. Quanto mais fraco me sinto, tanto mais forte me vou tornando!

Quanto mais o meu homem natural se manifesta em mim, tanto mais o meu verdadeiro eu, o homem espiritual, se arremete para o alto, ao abrigo dos braços da Providência.

Nesta luta titânica, a vitória é de Deus, triunfará infalivelmente, o espírito, e eu serei vencedor!

“Miserável homem sou, quem me livrará dêste corpo de morte?” E’ o proprio Deus.

Que luta estranha?

Que fenómeno admirável se processa neste mundo interior, neste pobre coração pecaminoso, na vida invísivel desta alma, que quer o Bem, quer á Santidade, e está entregue a si mesma, sem o amparo da assistência da Igreja.

Sinto e compreendo que a atuação da Graça divina dentro de mim se opera de um modo anormal, individual e especialíssimo, por isso mesmo há um abalo tremendo, inexplicável, inexprimível, para cuja descrição não há vocábulos humanos!

O’ meu Deus! Até quanto estarei fóra do vosso remansoso aprisco? Até quando me faltará o alimento sacramental da hóstia eucárística?

Quando terei o bálsamo da confissão para a cura das chagas doloridas de meus pecados? Quando conversarei face a face com Jesus sacramentado, no sacrário silencioso de sua presença? Quando terei o conforto de me integrar plenamente no Corpo Místico de Jesus, pela comunhão com a sua Santa Igreja visível?

A minha fome, a minha sede, Senhor, só poderei saciar nos repastos regulares, que prodigalizaes ao vosso rebanho.

Dái-me, Senhor, a bem-aventurança da plena Communhão dos Santos.

Pela participação de tão bemdito banquete, em cuja cabeceira se assenta Jesus ladeado por Maria Santíssima e seus

mais sublimes santos, eu vos suplico, Senhor, como a mulher Cananea, que me dispenseis, ao menos, as migalhas que caem da mesa para os cachorrinhos.

Só essas migalhas bastarão ao meu sustento. Essas migalhas seriam tudo para a minha alma. Dai-mas, Senhor, e eu serei saciado!

E vós, Maria Santíssima, porventura não vos tendes compadecido dêste vosso filho?

E vós, Mãe bendita de meu Salvador, na vossa bondade inescedível, no amor inimitável que inunda o vosso sacratíssimo coração, porventura não tendes já perdoado êste vosso filho prodigo, êste filho ingrato, que soube contudo render-se á realidade de seu tremendo pecado, em ter um dia abjurado vossa maternidade?

O' Senhora das Graças, ó Senhora da Piedade, ó Senhora das Dôres, volvei vosso olhar para os sofrimentos profundos dêste vosso filho e apiedai-vos de mim.

Senhora das Graças, eu já vos busquei muitas vezes no recesso mais íntimo de meu coração.

Eu vos busquei, muitas vezes, como outróra Nicodemus procurava a Jesus, no lusco fusco da noite, no segrêdo de timidas confidências, e vos constitui minha confessor, minha advogada, porque sois minha mãe.

Bem me lembro do conforto que me dispensastes naqueles momentos confidenciais em que me prostrei diante da vossa imagem sublime. Desde então confiei na vossa proteção.

E' possível que vós mesma, Senhora das Graças, porventura continuareis a distribuir os manjares do banquete de vosso Divino Filho, sem que me dispenseis as migalhas que sobejarem de tão imenso amor de Jesus?

Não! Certamente não.

Há muito que me tendes perdoado.

Vós me perdoastes desde o momento em que vos ofendi! Vós me perdoastes até mesmo no pecado supremo que cometi contra vós, induzindo diabólicamente algumas de vossas filhas a vos renunciarem.

Vós me perdoastes, ó Clementíssimo Coração de Maria, ainda mesmo por ocasião do clamoroso pecado que pratiquei contra vós, naquela tarde desventurada em que consegui tirar do coração duma inocente menina, que tanto vos amava, o propósito de ingressar na Pia União de vossas filhas, em atenção ao último desejo de sua falecida progenitora, de quem herdára as insígnias de Filha de Maria. Não só estirpei de seu coraçãozinho de criança tão sagrado propósito, como ainda a conquistei para a heresia negativista do protestantismo!

Já me havieis perdoado desde aquele tempo meus tenebrosos pecados contra vós, a exemplo de vosso amantíssimo Filho, que perdoou seus algozes e rogou ao Pai por eles, no momento mesmo em que o supliciavam.

Pequei por ignorância!

Creio, Senhora, que os pecados culminantes, os mais hediondos crimes que os homens cometem contra Deus, contra vós, e contra a Santa Igreja são sempre cometidos não tanto pela maldade humana, que seria incapaz de tão extremos requintes de infinita perversidade, mas pela ignorância, pela inconsciência dos que “não sabem o que fazem”.

Eu não soube o que fazia quando vos abjurei, ó Maria cheia de graça, ó bendita entre tôdas as mulheres, ó Virgem-Mãe do Salvador dos homens, ó Virgem puríssima que achas-

tes graça diante de Deus, para que descesse sobre vós a virtude do Altíssimo e para que fosseis chamada a Mãe do Filho de Deus e espôsa do Espírito Santo.

O' Maria, neguei o vosso vulto sobrenatural, reneguei-te loucamente esquecido de que renegava a espôsa mística do próprio Deus Espírito Santo, a mística Mãe do Deus Filho.

Pela inconsciência de minha loucura vós me perdoastes, ó Mãe Santíssima.

Sim, me perdoastes, por isso mesmo não perdi a Graça de Deus, que me arrebatou desde que eu me prostrei diante de vós, para vos pedir perdão.

Por minha absoluta certeza, de que a fraqueza se transforma em força pela graça de Deus; de que se travou em mim o decisivo combate entre as forças da carne e as forças do espírito; de que devo o quanto antes estabilizar o meu estado de espírito, integrando-me plenamente na bemdita comunhão da Igreja, para normalizar em mim a atuação da Graça; de que me é irresistível a atração da Igreja; de que tenho em meu favor a intercessão de Nossa Senhora das Graças, do clementíssimo Coração de Maria; por minha absoluta certeza de tudo isso, nos momentos de tentações, nos momentos de tibieza, nos momentos de fraqueza espiritual, meu desabafo triunfante é este desafio de guerra que é já também o meu canto de vitória:

Quem poderá interferir nas razões profundas de minha resolução de ir ao encontro de Deus?

Que forças contrárias poderão interceptar meus passos no rumo da Vocação do Céu?

Nesta resolução e nesta marcha, se conjugou todo o meu
sêr espiritual com as fôrças invencíveis da atração da santi-
dade e da própria vocação de Deus!

CAPITULO XIV

SUPPLICA DA QUARESMA

CAPITULO XV

CONFISSÃO DE FE'

A estação da Quaresma de 1937 foi o período culminante de meus sofrimentos, de minha inquietude espiritual, quando escrevi as paginas seguintes:

Resolvi, por escrupulo de consciência, não mais celebrar nos altares da Igreja Anglicana. Limitara ultimamente o meu ministério somente aos officios regulares daquela igreja e a fazer aos domingos exortações, baseadas no Evangelho do dia.

E' que já tinha em duvida a validade apostólica da Igreja Anglicana, quando por mais não fôsse, ao menos pelo fato de ser o clero anglicano excomungado da Igreja Católica Apostolica Romana.

Considerava, já então, a Igreja Anglicana como um ramo genuino da Santa Videira, é certo, mas amputada do tronco, pelo ato de excomunhão.

Sentia, nessa época, que êsse precioso ramo deveria ser novamente enxertado á videira, sob pena de exgotar-se em breve a ceiva que lhe resta.

SUPLICA DA QUARESMA

Os congregados marianos rezaram por mim no retiro que realizaram durante os três dias de Carnaval.

Meus irmãos congregados, eu vos agradeço a graça que pedistes por minha alma.

Preciso imensamente de orações. A minha fragilidade espiritual exige que se façam muitas orações por mim.

Vós o sabeis ó meu Deus., Tenho medo de mim mesmo. Tenho medo de minha fraqueza, tenho medo de minha carne :

Só vós, ó meu Deus, me podeis fortalecer.

Por isso é que eu vos busco.,

Maria Santissima, ó minha mãe, perdoai-me o meu pecado contra vós. Em vós espero de todo o meu coração.

Não é em vão que vos ofereço os meus temores e que vos exponho as minhas fraquezas.

Nossa Senhora das Graças, minha protetora, na distribuição das riquezas inesgotáveis que dimanam de vossas mãos bemfeitoras, de onde jorram em jatos de luz as graças que proporcionais aos vossos devotos, eu certamente não serei esquecido.

Vós me amais, ó Mãe Santíssima, bem mais do que eu vos amo.

Viestes ao meu encontro antes que eu me voltasse para vós. Dai-me, Senhora das Graças, tôda a fé, tôda a confiança e tôda a tranquilidade em vós.

E vós, meu amantissimo Salvador, meu Deus, meu tudo, descei a mim. Dai-me a vós mesmo, como o alimento de que minha alma é faminta.

Eu vos adoro, Jesus Sacramentado. Eu vos amo, com loucura de amor, ó Deus, que vos ocultais na Sagrada Eucaristia, e que vos dignais de penetrar até o amago do meu ser.

Abreviai, Senhor, os dias de meus sofrimentos e desconfortos espirituais.

Abreviai, Senhor, o tempo que me resta de expectativas áridas e penosas, como as que estou sofrendo no meu cativo do mundo. O mundo, a anti-Igreja, é o meu ambiente. Como eu me deleito com o simples contacto com um dos vossos filhos fiéis.

Os padres piedosos, os congregados marianos fervorosos e cheios de desejos de santidade, como me fazem bem quando eu dêles me aproximo.

Jesus, meu Mestre, meu Salvador, meu Senhor, tomai-me em vossas mãos e sob a vossa proteção.

Jesus, perdoai-me a ambição tão desmedida, a pretenção tão exorbitante de minha alma: pedir-vos que me tomeis em vossas mãos sacratissimas.

Não o mereço, Senhor.

Permiti ao menos, meu Deus, que eu alcance as migalhas que caem debaixo de vossa mesa.,

“Senhor eu não sou digno que entreis em minha morada ,mas dizei uma só palavra e a minha alma será salva”.,

CONFISSÃO DE FE'

Abre-te, ó coração, descerra o véu que envolve o arcano misterioso de teu interior, e deixa que Jesus penetre com seu santissimo e magnanimo olhar o drama de angustias indescrevíveis que vives!

Fala, coração, fala a linguagem que só tu sabes exprimir, a linguagem do amor, a linguagem do sentimento, a linguagem de profundas intuições que sobrepujam á própria razão humana!

Diz a Jesus as tuas convicções. Confessa ao Senhor as tuas fraquezas. 'Ajoelha-te, enfim, ante o Salvador, no êxtase silencioso de tua devoção!

.....

Não estou na Igreja de Cristo! Esta é a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. Esta é a Igreja fundamentada sobre S. Pedro e os demais apóstolos e profetas, tendo Cristo mesmo como a principal pedra angular. Não estou na Igreja dos Santos e dos Mártires. Não estou na Igreja indivisível e eterna: aquela que alimenta perenemente a adoração de Jesus Sacramentado.

Estou fora, Senhor, daquele rebanho uno, que tem um só Pastor.

Sinto-me deslocado, fora das pastagens verdejantes, distante das limpidas e tranquilas águas refrigerantes, as águas da Vida.

O' meigo Pastor de minha alma, que deixais as vossas noventa e nove ovelhas para buscar o cordeirinho estraviado em montanhas escarpadas, vinde em busca de mim. Ouvi, Senhor, os balidos soluçantes e afligidos da ovelha tresmalhada. Buscai-me, Senhor.

Abri deante de mim um atalho por estreito que seja, pelo qual eu me encaminhe ao vosso aprisco.

Se não, amantissimo Pastor, tomai-me em vossos braços e reconduzi-me ao abrigo do rebanho.

Tenho saudades do repasto sagrado da Santa Eucaristia. Tenho fome do maná que prodigalizaes aos vossos remidos.

Careço dos cuidados paternais do vosso báculo; o vosso perdão pela absolvição dos confessores, o vosso conselho pela palavra dos apóstolos, o vosso sacrificio pela ministração dos sacerdotes, a vossa salvação pela vida plena da graça.

Tudo isso me falta, ó meu Jesus! Sei, tenho certeza, sinto profundamente que tudo isso me falta, e mais ainda, misericordiosissimo Senhor, sinto profundamente que vivo em pecado mortal, porque vivo em desacôrdo com as convicções religiosas mais evidentes aos olhos da minha alma.

Tenho tido por vezes, Senhor, impulsos de consciência que me ordenam a deixar tudo, renunciar tudo até mesmo o dever de amparar a minha familia, afim de libertar-me das mil e uma contingências terrenas que me agrilhoam ao mundo e cair em teus braços.

Mas a "reflexão" faz abrandar-se o ardor de minha fé, de meu amor, e eu me vou deixando ficar longe, muito longe, da plenitude de vossa Graça. Parece-me então ter saído de um estado de loucura e obcessão, quando volto á ati-

tude do homem natural, considerando os meus problemas de família e de sociedade.

O' Cordeiro de Deus que vos imolastes no altar do Calvário perpetuado nos altares da Santa Missa, ó Filho Unigênito de Deus que vos abnegastes até o ponto de deixardes o Lar do Padre Eterno, de vos esvasiardes da Glória Divina, baixando infinitamente até á Terra por amor de mim; neste momento em que contemplo a imagem de tua Crucificação, a imagem da Cruz em que morrestes, dessa Cruz que constituiu uma loucura para os gentios e uma ignominia para os judeus, eu vos peço, ó Jesus Crucificado, que me alimenteis a loucura e a ignominia de vencer um dia êste imperativo da consciência que me faça deixar a família e desprezar a sociedade por amor de vós.

Bendita loucura!

Bendita ignominia!

Dai-me, Jesus, poder e coragem para aceitá-las, porque é só o que me falta para chegar a vós: o poder e a coragem para aceitar a loucura e a ignominia da Cruz.

Examinando deante de vós a minha consciência, Senhor meu Deus, tenho que me prostar humilhado pelo negro peccado de minha insubmissão ao vosso chamado.

Tornou-se-me evidente a verdade de vossa Santa Igreja Católica, pela nitidez com que pude compreender, pela vossa graça, que só a Vossa Santa Igreja Católica apresenta solução para os problemas sociais, e para as angustias dos povos, tanto quanto para as enfermidades de cada pecador.

A grande incognita do problema das sociedades humanas e das nações foi solucionada sómente pela Igreja Católica. A doutrina social da Igreja que proclama o principio da autoridade de origem divina, centraliza por tanto essa au-

toridade na unidade de Deus, irradiando daí, por escalas hierárquicas, até o individuo através do estado e da família. Estes, por seu turno, conscientes da responsabilidade ética de seu livre-arbitrio, em face do providencialismo historico procurarão harmonizar-se com os designios eternos da Providência, para que possam realizar a finalidade histórica que lhes incumbe no concerto das sociedades e das nações. Daí a perfeita harmonia de movimentos do individuo no seio da família, desta nas suas relações com a Sociedade, que por sua vez se enquadrará na boa harmonia do Estado, vivendo êste, enfim, sob a inspiração dos principios éticos do Cristianismo, e do respeito que deve condignamente prestar á Santa Igreja de Cristo.

Dêste conceito católico do Estado, decorreria na prática a mais perfeita harmonia social no seio de cada nação e o mais preciso equilibrio de relações entre os diversos estados.

O liberalismo, o laicismo, o bolchevismo e a anarquia, no inferno desesperador a que teem precipitado as nações, hão de ser um dia, por si mesmos, a evidência da Verdade Eterna de que é depositária a Santa Igreja Católica.

A Santa Igreja Católica apresenta a unica solução do problema social de nossos dias.

Mas não é só.

A Santa Igreja Católica é a unica das instituições, que se dizem cristãs, capaz de apascentar o rebanho dos filhos de Deus, capaz de oferecer a cada alma a cura das enfermidades do pecado, conduzindo-a por vereda segura em rumo da Vida Eterna.

E' que a Igreja Católica foi edificada por Nosso Senhor Jesus Cristo mesmo e tem a nitida consciência de sua origem divina.

"Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

E eu te darei as chaves do Reino dos Céus. E tudo o que ligares na terra será ligado nos céus. E tudo o que desligares na terra, também será desligado nos Céus".

"Ide por todo o mundo, prégai o Evangelho a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

... E eu estarei convosco até a consumação dos séculos".

"Os pecados a quem perdoardes serão perdoados e a quem os retiverdes serão retidos".

Esta é que é a Igreja de Cristo. A Igreja sobrenatural. A Igreja que perdoa os pecados com a autoridade conferida por Nosso Senhor.

A Igreja que ensina com a autoridade de Cristo.

"Ide... pregai o Evangelho a todos os povos, ensinando-os... e eu estarei convosco".

E' como se Jesus Cristo dissesse: "Ide, sem receios, sem duvidas, pregai, ensinai, porque eu estarei convosco para vos preservar das portas do inferno que não prevalecerão contra vós".

E' como se Jesus Cristo dissesse: "Ide ensinai, eu mesmo vos assistirei no vosso magistério. Tereis autoridade conferida por mim mesmo. A vossa autoridade, portanto, será divina, será infalível. O que disserdes é a Verdade".

A mente humana, finita, com a agravante de suas enfermidades consequentes do pecado que a distanciou de Deus, da Verdade, seria absolutamente invalida para encontrar essa mesma Verdade, se não fôra a misericórdia de Deus, que, pela expiação do Cordeiro Imaculado, o Cordeiro Divino, o seu Unigênito Filho, instituiu a grande comunidade, a grande família, o seu povo santo, no meio do qual, Cristo mesmo seria Sumo Sacerdote, Cabeça Suprema, Mestre dos mestres infalível, onnisciente, onnipresente, onnipotente.

“Não temais...”

“Eu estarei convosco até o fim dos séculos”.

“Ide, pregai, ensinai...”

“Os pecados a quem perdoardes serão perdoados e a quem os retiverdes serão retidos”.

“Pedro... eu te darei as chaves do Reino dos Céus”,
Chefe visível da Igreja.

Porta-voz visível do Mestre invisível. Vigário de Cristo.

Esta, sim, é a Igreja de Cristo. E' a Santa Mãe Igreja. Igreja que é Mãe porque ensina com autoridade, perdoa com autoridade, castiga com autoridade.

A alma humana que se filia á Santa Madre Igreja, a alma humana que se subordina filialmente á Santa e Una Igreja Católica, vive como filho obediente na felicidade do lar materno, sob poderosa proteção rica de amor e desvêlo através do mundo pecaminoso, do mundo de incertezas, do mundo de sofrimentos.

Fala mais, ó meu coração angustiado, confessa afinal que não podes mais viver no pecado, com a consciência da Verdade.

Confessa que não podes mais viver fóra da Igreja de Cristo.

A Igreja Anglicana não te é mãe, é madrastra. A Igreja Anglicana sabe que tu não és filho.

A Igreja Anglicana confessa que tu não lhe deves obediência filial, que não é ela a espôsa do Cordeiro, que não é ela a possuidora da Verdade.

A Igreja Anglicana confessa ignorar a verdade porque admite os que afirmam e os que negam a Verdade.

A Igreja Anglicana quer ser a "*Via Média*" entre a Verdade e o Erro, entre a afirmação e a negação.

Quer possuir um pouco da Verdade e um pouco do Erro.

Quer ser Protestante e Católica.

Não. A Verdade é indivisível. A Verdade é Una.

A Verdade é Deus.

"Eu sou a Verdade", disse Cristo. "Eu sou a Mentira, eu sou o Erro", diria o Anti-Cristo.

Não me contento com a "*Via Média*" entre a Verdade e o Erro. Seria incorrer, talvez, no mais grave dos erros.

Quero a plenitude da Verdade, porque almejo a plenitude de Deus.

Já não sou anglicano, porque não quero estar fóra da Igreja.

Vou para a Igreja. Vou viver no Corpo Místico de Cristo. Vou viver plenamente com Cristo.

Vou comungar o Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de Cristo.

Hoc est enim corpus meum.

CAPITULO XVI
ATITUDE DECISIVA

ATITUDE DECISIVA

Meu presado irmão: talvez ainda me regrimineis, apesar de terdes lido algumas razões, dentre as quais ha motivos que aliás superam a própria razão humana, pelo que resolvi voltar á Igreja Católica, Apostólica, Romana. Recriminar-me-eis, talvez, por êste passo, que parece á primeira vista de tanta insensatez, e, quem sabe, até de um juizo pouco equilibrado. Insensatez. Volubilidade. Falta de convicções. Pouco me importa o que venhais a julgar. Deus me chamou. Creais ou não, pouco me importa. Ficai, se o quizerdes, com a vossa sensatez, com a vossa firmêza de propósitos, com as vossas convicções. Eu é que não poderia mentir á minha própria consciência, por méro respeito humano. Eu é que não poderia negar, ao meu intenso desejo de perfeição, a ação de minha vontade, que neste passo, sobrepuja a todas as demais faculdades do meu espirito. Pratico, antes de tudo, um ato de vontade, inspirado numa convicção e auxiliado pelo poder infinito de Deus. Volto á Igreja de minha primeira infância, porque agora eu a conheço de perto por estudos teóricos e por experiência prática. A Igreja Católica é a Igreja para a minha alma. Nela eu encontrarei todo o conforto espiritual para o meu coração e para a minha intelligência. Nela eu ficarei tranquilo, aguardando tudo o que o meu Deus reservar para os dias restantes de minha peregrinação na terra. Não vou para a Santa Igreja Católica com o objetivo de gozar, mas para sofrer, para me mortificar. Quero para a minha alma pecadora o fogo purificador dos sofrimentos. Quero oferecer

os méritos dos meus sofrimentos na carne como partícula meritória, pelo resgate infinitamente precioso de minha vida eterna, que custou os sofrimentos de meu Salvador Jesus Cristo. Vou para sofrer, bem sei. E vou em busca dêsse sofrimento. Não quero ter uma religião em que eu continue preocupado com os bens do mundo, sem uma explicação satisfatória a respeito das provações por que passo na terra. Se não há mérito nos nossos sofrimentos na terra para a vida do além, então porque sofremos, se sómente os sofrimentos de Jesus Cristo são aceitos por Deus como preço da vida eterna? Sem dúvida, como disse alguém, uma só gota do preciosíssimo Sangue do Cordeiro Imaculado bastaria como valor de resgate de todo o universo. Mas, Deus não quiz êste único preço, aliás em si de valor infinito, em pagamento pela posse de nossas almas. Para nos exprimir o seu grande amor por nós, para nos provar o altíssimo valor que dá pela conquista de seus filhos perdidos, estabeleceu como preço imponderável e infinito da alma do pecador, não sómente aquela gota de sangue preciosíssimo do Verbo feito Carne, mas tódo o seu Sangue, tóda a sua carne, tódo o seu imenso coração, tódos os trinta e três anos de vida amarga de sofrimentos, de humilhações, de pobreza, de trabalhos, de desprêzo dos homens para os quais Ele veio e dos quais foi repudiado. Vida de lágrimas que culminou na Semana da sua paixão, em que Ele foi traído, abandonado e negado pelos seus mais fiéis e amados discípulos, em que Ele foi apupado pelas multidões, caluniado pelos sacerdotes e farizeus, escarnecido, açoitado, cuspidado, esbofeteado e desnudado pelos seus algôzes que eram também, com os farizeus e sacerdotes, bem como com as multidões sanguessedentas, muitos da-

queles pelos quais êle veio para trazer a salvação. Depois de tudo, foi crucificado entre malfeteiros. Morreu como qualquer pecador e foi sepultado. Por que tanto sacrifício do Inocente, do Justo, do Imaculado, do Santo, se uma só das mínimas gôtas de seu preciosíssimo sangue teria valor infinito para pagar a posse de tódo o gênero humano? Aí está a prova do seu amor infinito. Por tão grande preciosidade, a alma do pecador, Deus ainda aceitou as dôres de Maria Santíssima, as privações, os sofrimentos e os martírios dos apóstolos, o sangue generoso de tódos os martírios, as mortificações de tódos os santos e os padecimentos de tódos os bem-aventurados até os nossos dias, de tódos os discipulo de Jesus, de tódos os religiosos que desejam oferecer os seus pesares, mortificações e provações, como méritos de santificação. Vou á Igreja, meu amado irmão, não para gozar no mundo, mas para sofrer. Julgai-me, como melhor vos parecer. Se me julgais bem, melhor para vós, que não incorrereis em pecado grave por minha causa. Se me julgais mal, cuidado com o mal que ides fazer á vossa própria alma, porque a mim não me atingirá nenhum juízo humano, se não sómente o Juízo Eterno de Deus, deante de cujos olhos tenho devassado a minha consciência. Adeus, meu amado irmão, até breve ou até a eternidade. Este é o adeus mais solene com que até hoje fiz qualquer despedida. Se me julgais perdido, apóstata, seguidor do Anti-Cristo, mais uma vez vô-lo afirmo; estais enganado. Vou para deixar o mundo com suas misérias. Vou para despir-me das ilusões e das vaidades. Vou para me santificar. Vou para sustentar a minha fé, sem a qual, como diz São Paulo, o vosso apóstolo predilêto, eu não obteria a justificação. No racionalismo pro-

testante, não há ambiente para a fé. No individualismo protestante, não há lugar propício para o cultivo da humildade. No liberalismo protestante não se estimula a caridade, o amor cristão.

Que força estranha, que poder exterior e sobrenatural eu sinto que me impulsiona para o passo seríssimo que resolvi consumir?!

Essa força, esse poder, eu o sinto, vem de Deus. Sinto tanto a felicidade, o bem estar, a paz interior por esse ato, quanto pressinto os sofrimentos materiais que me sobrevirão no percurso da nova fase de minha vida.

Não vos perturbeis, irmão, não vos inquieteis pelo passo que dei. Quanto a mim, ficai tranquilo, estou com Deus, vivo com Deus. Tomei essa resolução contra todos os meus interesses de ordem social e terrena, consultando ao próprio Deus.

Quanto aos interesses da causa que defendeis, que talvez julgais abalados por minha atitude, como ministro que fui duma Igreja sem dúvida das mais conceituadas do mundo protestante, também pouco tereis que vos perturbar. Trata-se, no meu caso, de um humílimo presbítero, novo no ministério, com exercício de ordens durante curtos quatro anos de pastorado de uma pequena paróquia no bairro de Santa Teresa, onde pouca repercussão poderá ter a minha atitude.

Se a vossa causa é de Deus, ficará intacta. Se a minha causa é a de Deus, então, com toda a insignificância de minha humilde personalidade, Deus poderá servir-se de minha própria pequenez para grandes vitórias em prol do seu Reino, agora ou no futuro. Este é um voto condicional que aliás, po-

único da Verdade, que é Una, e inclusos na Igreja Una de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amen.

Digamos juntos, meu amado irmão protestante, elevemos juntos com sinceridade e com fervor, esta pequena prece ao Trôno da Graça: Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso Reino, *Seja feita a Vossa Vontade assim na terra como no céu.*

Oxalá, meu irmão, nos encontremos, nós ambos, um dia, no mesmo templo em que se cultue a Deus em espírito e verdade, rezando em côro unisono a Oração Dominical.

Oxalá, meu irmão, fazei comigo esta fervorosa súplica a Deus, oxalá nós ambos, um dia, nos encontremos no caminho único da Verdade, que é Una, e inclusos na Igreja Una de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amen.

Este é o recado, esta é a carta muito íntima e muito sincera, com que se despede de vós e do vosso meio, êste, que vos considêra o irmão separado, e que se considêra vosso sempre irmão e amigo. — *Gastão P. de Oliveira.*

CAPITULO XVII

1 GRANDE RENUNCIA

E

CAPITULO XVIII

AMOR SUPREMO

Quando já não tinha duvidas sobre o inevitavel passo que teria de dar, abjurando a Igreja Anglicana, e fazendo-me católico, tive que resolver o problema de minha vocação para o sacerdócio. Noivo, teria que renunciar o plano de constituir um lar, e principalmente, renunciar a amizade que dedicava á minha noiva. Foi quando fixei em meu diário estas páginas do mês de Março de 1937.

A GRANDE RENUNCIA

“Do Senhor vem a mulher prudente”.

“O que acha uma mulher virtuosa alcançou a benevolência do Senhor”.

Meu Deus: dentre as provas que tendes imposto á minha alma, a maior de todas é a de desatar-se o laço de amor que me prende á minha noiva!

O' Deus, vós sois testemunha da pureza dêsse amor. A minha mão me treme ao tentar exprimir por escrito êste drama culminante de minha vida. Meu coração pulsa descompassadamente.

E não encontro expressões humanas para descrever o meu sofrimento, para retratar o meu martirio.

Não é um sofrimento carnal, ó Deus, eu o juro e vós o sabeis.

Tôda a renuncia, em que sacrifico o corpo, em que esmago as paixões, as vaidades e as peçonhas da minha alma, é para mim motivo de alegria.

Este porém é o sacrificio supremo — é o sacrificio profundo do meu próprio coração, de minha própria vida. E' a renuncia de alguma coisa espiritual, alguma coisa de valor imperecível.

Perdoai-me, Senhor este apêgo de meu coração a alguma cousa que colide com a vocação a que me chamastes.

É para merecer o vosso perdão eu a renunciarei, como a tudo o mais que terei de renunciar.

Senhor, meu Deus, vou deixar a noiva que me destes. Vou apunhalar violentamente o seu tenro coraçãozinho de menina que confiou ilimitadamente num homem que, por todos os títulos, se impôs á sua confiança. Vou desiludir uma alma pura, uma alma ingênua de criança, uma alma boa, que se habituou á bondade de seu coração, e a só olhar o que há de bom na humanidade.

Senhor, meu Deus, nunca ouvi, nos dois anos que convivi intimamente com ela, nunca ouvi de seus labios uma critica desairosa a quem quer que fôsse, nunca ouvi de sua bôca qualquer expressão de juizo temerário contra o próximo. Ela é pura, modesta, humilde, cristã, como nenhuma outra das moças que tenho conhecido.

Senhor, meu Deus, ela não merece o sofrimento que lhe vou causar. Tende misericordia dela, Senhor. Confortai-lhe na sua desilusão, na sua tristeza, na decepção profunda que lhe vou causar. Dai-lhe, Senhor, a graça de compreender a minha retidão, o meu sacrificio, a minha renuncia, em atender á vocação da vossa Graça, para poupar-me ao menos, Senhor, o sofrimento de saber que fui causador de seu grande sofrimento.

Minha noiva amantissima, não te posso dizer tudo o que sinto por ter que te renunciar, para consagrar-me ao sacerdócio da Cruz de Cristo. Agora, mais do que nunca, eu te amo com o mais casto e mais puro amor, porque agora é que compreendo a missão que desempenhaste em minha vida.

E's o tesouro mais precioso de que fala o Sábio dos provérbios, cujo "valor muito excede ao dos rubis". Sei perfeitamente que me és o mais precioso dos tesouros, que poderia adquirir na terra, porque me vieste procedendo de Deus, pois diz a Escritura: "do Senhor vem a mulher prudente" e ainda: "o que acha uma mulher virtuosa alcançou a benevolência do Senhor". Tudo isso eu sei, minha noiva. Agora, porém, que o mesmo Deus que me concedeu a felicidade de encontrar-te para possuir-te, manda-me que renuncie a posse do que me ofereceu, agora, sim, é que compreendo que me és preciosa como o lastro mais precioso de tôdas as minhas renunciâcias.

A tua missão, noiva amantíssima, foi para a minha vida de valor inestimavel, vieste a mim para que eu não te recebesse, como suprema renuncia; pois não és como as felicidades mundanas, de nenhuma valia, que se renunciâciam porque procedem do maligno.

Não!

E's a felicidade que me veio do próprio Deus, para que eu tivesse o mérito de renunciar alguma coisa de real valor, dentre as muitas cousas de valor illusório que o mundo me ofereceu.

Não sei, noiva querida, se algum dia te revelarei o segredo dessas confissões com que estravaso o meu coração martirizado em prol da Igreja de Cristo, aqui no insulamento de meu gabinete, no deserto de meus quarenta dias de penitências e tentações. Mas, se o fizer, é para implorar-te, com lágrimas nos olhos e com o coração sangrando, que compreendas a grandeza espiritual do papel que um dia

desempenhaste em tua vida, ao serviço do Cristo que tanto amas:

Foste nas mãos de Deus o instrumento nobre da Graça Divina para a preparação de alguém que deseja seguir o rastro luminoso dos santos de Deus.

Vou para me santificar. Resolvi dedicar minha pobre alma a um longo, demorado e árduo trabalho de verdadeira restauração espiritual de mim mesmo.

Eu é que sei quanto tenho sofrido na ansia de desejar ser bom, de desejar ser inteiramente de Cristo, sem o conseguir, reconhecendo, pelo contrário, as misérias do meu ser.

Noiva querida, bem sei o quanto és boa, mas a tua formação espiritual sob a constante influência do protestantismo, que não conhece o que seja a verdadeira renúncia porque não conhece o monasticismo, e que não sabe o que seja a santificação, porque o protestantismo em toda a sua história nunca fez santos, sim, minha noiva, o protestantismo em cujo meio tens vivido talvez te impeça de compreender a significação de minha renúncia e a grandeza da missão que tens desempenhado a serviço de Deus. Que o próprio Deus, porém, pelo influxo onipotente de sua providência, supere, vença, esmague as influências deletérias do individualismo e do racionalismo da vaidade protestante, em cujo grêmio nasceste e tens vivido.

Que Deus te ilumine minha noiva, para que ao deixares de ser a noiva de um indigno pecador, obtenhas a graça de te fazeres noiva e esposa de Jesus Cristo, o unico bom, o unico que ama eternamente.

AMOR SUPREMO

Minha noiva:

Desde que comecei a te amar de verdade reconheceste no meu modo de proceder para contigo atitudes de sincero, verdadeiro amor, ainda que eu o procurasse atenuar evitando a intimidade de nosso convívio. Perto de ti não poderias ter a menor duvida do meu amor, porque êle se irradiava de mim para contigo. Não tanto por palavras ou atitudes, que sempre usei com o máximo de sobriedade mas por uma espécie de influencia fluidica, telepática; por uma espécie de magnetismo sentimental, que independia de expressões verbais ou de atitudes.

Isso desde aquele dia que comecei a te amar com maior fervor.

Sempre te amei por simpatia, por identificação de sentimentos, por simetria de gênios. Comecei, porém, a te amar plenamente um dia, quando melhor do que nunca nos identificamos, nos compreendemos, nos sentimos mutuamente. E nessa mesma época, por um fenómeno estranho, indefinível, incompreensível, senti simultaneamente a vocação de Deus para o sacerdócio católico.

Desde então, comecei a sofrer. Foram lutas tremendas.

Como falham as palavras humanas! Não posso absolutamente exprimir o que se tem passado co-

migo. Cheguei por vezes a julgar-me prêsa de obcessão, de verdadeira loucura. Queria ardentemente, e não queria ao mesmo tempo. Eu te queria, e queria sinceramente, profundamente, no mais intimo do meu ser. Mas aqui mesmo, neste meu mesmo ser mais intimo, uma voz imperativa, uma voz preponderante, que não era a da minha vontade, me dizia para não te querer.

— Senhor, eu a quero, dizia eu.

— “Mas eu te quero para o sacerdócio da Igreja”, me ordenava essa voz estranha.

Senhor, eu não quero o sacerdócio, eu amo e quero amar.

E a voz se retraía, segredando-me mansamente em surdina: “se queres, executa a tua livre vontade, mas eu também te amo e tu deves amar-me sôbre tôdas as cousas: contudo faze o que quizeres”.

Então eu estremecia. Sentia-me pequenino, incapaz de grandes renuncias pelo amor de Deus. E eu pensava: que delirio, que obcessão é essa a minha!

Então Deus há de querer tão grandes sacrificios: o meu e o dela? Principalmente dela que nenhuma culpa tem de minha mente fanática e obcecada?

Nesse ponto a Voz retornava imperiosa: “Isto não é obcessão e fanatismo, isto é religião, fé, santidade, espiritualidade, verdade, realidade absoluta. E’ Deus”.

Tornava a estremecer o meu coração dentro de mim, e eu dizia: Senhor, então só há um caminho para mim- Não sou eu livre como os outros homens?

Eu que amo a liberdade, por isso que vos amo, será pos-

sível, meu Deus, que eu tenha de escravizar-me á Vossa vontade? Libertai-me, Senhor, para que eu goze a liberdade.

Quero ter a plenitude da vida sob o manto de vossa proteção e ao abrigo de vossos cuidados!

E tornava o Senhor a dizer-me com suavidade: “Não, meu filho, não há apenas um caminho para a tua alma: ha dois, e bem distintos: o *sim* ou o *não*, em resposta ao meu chamado.

E's livre sim, meu filho, és livre como os demais homens. E's livre para escolher a liberdade do Infinito e do Eterno que sou Eu, ou a escravidão do cárcere da terra e da limitação que medeia entre o nascimento e a morte.

E's livre, sim, como os demais homens, mas cuida que na embriaguez de tua liberdade não venhas a escravizar-te ás armadilhas da carne.

O teu espirito, a tua alma, é livre, sim. Pode se escravizar, se o quizer, aos imperativos do corpo, ou pode gozar a plenitude de sua liberdade na amplitude do infinito. Eu te escolhi para o sacerdocio de minha Igreja.

Se te escolhi é porque muito te amo. Se muito te amo, também muito desejo a tua felicidade. Sê feliz, meu filho. Sê feliz renunciando tudo por amor de mim. Ou então, se te julgares feliz de outra forma, experimenta a busca da felicidade naquilo que te impeça de vires para o sacerdócio da Igreja, onde eu te quizera ver dedicado ao serviço do meu Reino.

Não te escravizes á minha vontade, porque não poderá jamais existir escravos de minha vontade. Santifica, porém, a tua vontade, e ela assim santificada se harmonizará á mi-

nha vontade. E haverá desde então uma só vontade, porque a tua será a minha, e a minha será a tua.

Goza, sim, plenamente a liberdade verdadeira, a liberdade plena que tanto almejas. Liberta-te da carne, liberta-te da sociedade do mundo, liberta-te dos limites da via terrena, voa, pelo infinito da eternidade. Vem, meu filho, para a vida dos espíritos, para a vida eterna”.

Então eu compreendi que o prazer de amar seria pleno se eu fosse capaz de realizar o supremo amor.

Ser capaz de amar o Invisível, ser capaz de amar o Eterno, ser capaz de amar o Infinito é ser capaz de realizar o supremo amor.

Pelo supremo amor, a suprema renuncia, a renuncia de tudo, até mesmo de quem eu mais amava na vida terrena.

Pelo supremo amor, a suprema dádiva, a suprema oferta: tudo o que sou, todo o meu ser.

Para compreender este mistério, o homem precisaria identificar-se com Deus plenamente pela vida de santidade absoluta.

Mistério impenetrável que é a vocação irresistível da Graça de Deus. Irresistível, sim, porque venceu-me, a despeito de toda a minha vaidade, de todos os meus maiores afetos na vida terrena.

I N D I C E

Nota preliminar	5
Minha santificação na plenitude do ceu.....	11
Perdoai-me, perdoai-me, Senhor.....	23
A Igreja e a Pátria	33
Senhor meu, e Deus meu.....	47
Livre exame	55
Senhor, ajuda a minha incredulidade.....	67
O Reino de Deus e o reino do mundo.....	73
Minha sede	83
O caminho da santidade.....	92
Cristo Crucificado	103
Sincero... e brasileiro.....	109
Fóra da Igreja	125
Canto de Vitoria	129
Suplica da Quaresma	137
Confissão de fé.....	141
Atitude decisiva	151
A grande renúncia	159
Amor supremo	163

Nihil obstat

Rio, 31-8-1938

p. J. Bapt. de Siqueira

Imprimatur

Rio, 31-8-1938

Mons. R. Costa Rego V.G.

